



“A Universidade de Coimbra não é gerida pela Assembleia Magna”



CLÁUDIO VAZ

Bookcrossing Livros à solta

Ler um livro e, em vez de o arrumar numa estante, deixá-lo num local público para que outra pessoa o possa ler. É este o conceito do bookcrossing, um sistema que cria uma grande biblioteca mundial e que ganha cada vez mais adeptos. Também em Coimbra são muitos os que já aderiram à modalidade e se tornaram “bookcrossers”.

Pág. 12 e 13

Combustível alternativo

Na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra está a ser estudada a possibilidade de o gasóleo ser parcialmente substituído por biodiesel, uma forma mais ecológica de combustível. Algumas experiências já foram levadas a cabo na cidade. Pág. 14

Rui Zink em discurso directo

A apresentação da “Novíssima cartilha portuguesa” trouxe o autor de “Dádiva Divina” a Coimbra. Rui Zink perspectiva a realidade social e a política portuguesa, e demonstra a sua preocupação com a língua de Camões. Pág. 18

Em entrevista, o reitor Fernando Seabra Santos comenta as últimas semanas da academia de Coimbra, afirma estar

disposto a estabelecer “pontes” de diálogo, considera que os estudantes levaram a cabo actos “ilegítimos e ilegais”

e defende que fez o necessário para assegurar o funcionamento democrático da universidade. Pág. 2 a 4

**Toda a informação que procuras,
constantemente actualizada**

acabranet
Jornal Universitário de Coimbra

SUMÁRIO

Destaque	2	Ciência	14
Opinião	5	Desporto	15
Ensino Superior	6	Cultura	17
Cidade	8	Artes Feitas	20
Nacional	10	Estórias	22
Internacional	11	Vinte&três	23
Tema	12		

“Não sei em que é que traí os estudantes”

Fernando Seabra Santos fala dos acontecimentos que marcaram as últimas semanas da academia. Afirma não ter traído os estudantes e não pactuar com actos que considera “ilegítimos e ilegais”

Ruben Figueira
Margarida Matos

O reitor da Universidade de Coimbra (UC) considera que a tentativa de invasão da reunião de senado do dia 20 de Outubro “ultrapassou as marcas” e declina responsabilidades no que diz respeito à actuação da força policial. O catedrático sublinha mesmo que a possibilidade de recurso às “forças de ordem pública” constava da providência cautelar interposta pelos estudantes no ano lectivo passado, em resposta à votação da propina. Seabra Santos lamenta ainda que seja uma minoria a participar nas acções de protesto

Porque é que convocou um Senado Extraordinário tendo colocado na ordem de trabalhos a votação da propina máxima se o Tribunal Administrativo e Fiscal de Coimbra ainda não se pronunciou acerca da legalidade da votação por correspondência?

Desde que há um ano e meio assumi as funções de reitor fiz todas as tentativas para aproximar a comunidade universitária e fazer ver os estudantes que o recurso a métodos ilegais que ultrapassam as marcas tinha que ser evitado. Fiz várias declarações muito objectivas nessa matéria, suporei seis ameaças de invasão do Senado Universitário ou de cerimónias académicas. No dia 13 de Outubro, em que um grupo restrito de estudantes, ainda por cima não legitimado pela Assembleia Magna (embora

“Não se pode pedir ao reitor que aceite que o senado não funcione, que seja invadido”

eu não entenda que a Assembleia Magna possa legitimar o que quer que seja), decidiu interromper uma cerimónia pública consagrada pelos estatutos da Universidade de Coimbra como um dos pontos altos da vida universitária, a cerimónia solene de abertura das aulas na UC, entendi que se tinham ultrapassado as marcas. Daí que tenha decidido convocar uma sessão extraordinária do senado, o órgão estatutariamente competente para analisar a situação política da universidade.

No entanto, o Tribunal Administrativo e Fiscal de Coimbra ainda não se tinha pronunciado sobre a legalidade da votação por correspondência.

Não é verdade que o escrutínio tenha sido feito por correspondência: a votação foi feita em urna. E a votação em urna não tem os contornos legais da votação por correspondência. Neste âmbito, chamo à atenção para esse contexto, porque



O reitor da mais antiga universidade do país defende a necessidade de assegurar o funcionamento democrático da instituição

quando os estudantes entendem que não estão em condições de decidir o que quer que seja, convocam a Assembleia Magna de Voto, como se verificou em relação à eventual suspensão da Queima das Fitas. E isto porque um grupo de estudantes considerou que não tinha força suficiente para legitimar uma votação tão importante e decidiu que essa votação tinha que ser alargada a maior número de estudantes. O que se fez foi uma coisa análoga do ponto de vista técnico e do ponto de vista jurídico. Não havendo condições

para votar de forma normal numa sala em reunião ordinária do senado, porque os estudantes invadiam essa reunião e não deixavam concretizar a votação, fez-se aquilo a que por

analogia se podia chamar um “Senado de Voto”. E este decorreu com normalidade, com um número significativo de elementos do órgão, superior ao quórum. O que esteve em análise em tribunal foi se esse processo era juridicamente aceitável ou não e naturalmente fiquei à espera que o tribunal se pronunciasse em tempo útil. A providência cautelar interposta pelos estudantes dizia a certa altura que o recurso à figura do “estado de necessidade” sobre o qual assentava a justificação da reitoria para aquele método de votação não era adequado, porque a reitoria não tinha esgotado tudo o que estava ao seu alcance para que a votação se concretizasse em reunião de senado. O artigo 27 da providência cautelar interposta pela Direcção-Geral da Associação

Académica de Coimbra refere “que o estado de necessidade invocado carece de qualquer fundamento prático e jurídico, porque tal só pode ser invocado quando os seus resultados não possam ser alcançados de outro modo”. E diz o artigo 29 da providência: “a ser verdadeiro o motivo invocado pelo Sr. Reitor - invasão do senado - sempre este terá à sua disposição as forças de ordem pública, basta que, para tal as solicite”.

Portanto, há aqui um conjunto de

incoerências graves que de certa forma até legitimam que posteriormente se venha a recorrer às forças da polícia para se conseguir assegurar o funcionamento de uma reunião de senado.

Mas podemos dizer que a mudança de local da reunião do senado e a chamada da polícia foram uma reacção directa às invasões do Senado e à interrupção da cerimónia da abertura solene?

A reitoria não reage a essas coisas. A reitoria e o reitor tentam fazer cumprir os estatutos da Universidade Coimbra,

nos quais os três corpos universitários se devem rever. Os estatutos da UC atribuem ao senado um certo número de responsabilidades, entre as quais por força da lei de financiamento a fixação das propinas. É uma coisa que eu não pedi e que lamento que tenha sido assim, mas é uma obrigação deste órgão cumprir a lei. Depois de uma série de invasões anunciadas, algumas das quais con-

cretizadas, depois da cerimónia de abertura solene das aulas na Universidade de Coimbra ter sido invadida e interrompida por formas violentas, não havia outra forma de fazer funcionar a universidade, pondo em primeiro lugar o senado que é o órgão competente estatutariamente a discutir esses acontecimentos e assegurar que essa reunião do senado se realizasse efectivamente. Penso que hoje ninguém tem dúvidas de que se não fosse o recurso às forças exteriores, mais uma vez teria havido invasão do Senado Universitário no Pólo II.

Que comentário faz aos acontecimentos que se desenrolaram no dia do Senado Universitário, nomeadamente o confronto entre polícias e estudantes e a detenção de um estudante?

É sempre lamentável que os assuntos internos da universidade tenham de ser resolvidos com o recurso a medidas extraordinárias de segurança. Todos seguiram a evolução dos acontecimentos e perceberam que eu fui até ao limite das possibilidades para evitar o recurso a essas medidas.

Mas foi a forma de fazer funcionar a democracia interna na UC e de dizer a um grupo de estudantes que a UC não é gerida pela Assembleia Magna e que não está à mercê da tentativa de imposição de um pequeno grupo sobre a maioria dos membros dos órgãos de gestão.

Lamento os acontecimentos do dia 20 de Outubro. Constatei por imagens televisivas no próprio dia

que houve um comportamento extremamente violento da parte dos estudantes que tentaram derrubar as grades de segurança, que tentaram partir os vidros do edifício, que tentaram invadir violentamente o senado. Não há dúvidas sobre isso e foi na sequência dessas atitudes que a polícia fez aquilo que todos sabemos que fez. Eu fui o responsável por pedir à PSP que controlasse a porta de entrada do edifício para deixar somente os membros do senado e a comunicação social terem acesso ao edifício. Todos os membros do senado tiveram acesso ao edifício, portanto é absolutamente imprudente a afirmação de que houve tentativa de impedir a entrada no senado de quem quer que seja. Todos os membros tiveram acesso ao senado. Quem quis entrar no senado, enquanto membro, entrou. Quem não quis, não entrou. Está no seu direito e naturalmente assume as consequências. A questão foi que desta forma foi possível impedir a invasão anunciada.

Os acontecimentos do dia 20 de Outubro mereceram grande destaque dos meios de comunicação social. Qual pensa ser imagem que passou para o resto da sociedade?

É lamentável que passe para fora a ideia de que para fazer cumprir a lei se tenha que recorrer a métodos desta natureza. É lamentável também que se desse a ideia de uma universidade que não funciona e cujos órgãos de gestão democrática não conseguem funcionar porque há um pequeno grupo que se opõe a que esse funcionamento decorra dentro da normalidade.

Avisei por três vezes o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Mi-

guel Duarte, que teria de recorrer a forças exteriores para assegurar o funcionamento do órgão, pedi-lhe que tentasse controlar as coisas, que tentasse explicar aos estudantes e que não fizessem nada que motivasse a intervenção da PSP.

No dia do senado, às três da tarde, tive uma conversa telefónica com ele, expliquei-lhe que o senado se ia realizar e pedi-lhe que, por favor, não fizessem nada que obrigasse a polícia a carregar sobre os estudantes. Depois as coisas passaram-se como se passaram.

Mas eu não aceito a responsabilidade dessa questão. Lamento que a imagem que tenha passado para fora tenha sido a de uma universidade em que os polícias batem nos estudantes. Lamento profundamente que as coisas tenham sido assim, mas a responsabilidade recai nas atitudes que são ilegais.

“Não se demitam”

Que comentário faz ao pedido de demissão feito pelos estudantes no próprio dia do senado e posteriormente aprovada na Assembleia Magna. Neste momento está a circular um abaixo-assinado pelas faculdades a exigir a demissão do cargo. Que lhe parece?

Os estudantes reagem a um conjunto de informações que não estão completas e que tem sido relativamente pouco objectivas. Lembra-lhe, por exemplo, de toda a intoxicação mediática da Festa das Latas e Imposição das Insígnias com imagens que retratam apenas uma parte dos acontecimentos do Senado Universitário e não a totalidade. A Assembleia Magna que se seguiu aos acontecimentos do dia 20 de Outubro foi pouco participada. Por isso é preciso ter calma. A Universidade de Coimbra tem cerca de 20 mil estudantes e apenas um pequenissima parte de estudantes têm estado envolvida nestas manifestações mais radicais. Assim, se há estudantes que entendem que o reitor se deve demitir, eu peço aos estudantes que não se demitam das suas responsabilidades.

Este momento de crise resulta do facto de alguns estudantes não entenderem que a reitoria tem a obrigação de defender o funcionamento democrático da universidade

Está-se a referir à demissão dos estudantes senadores? Como é que viu essa demissão?

É uma pena a demissão dos estudantes senadores porque é um argumento fortíssimo para as pessoas que defendem que os estudantes não estão a fazer nada nos órgãos de gestão e a prova disso é a sua retirada. Mas continuo a defender que os estudantes são imprescindíveis para a gestão democrática das

universidades, com as suas contribuições dinâmicas, imaginativas. No entanto, estas posições de demissão dificultam a argumentação a favor da presença dos estudantes nos órgãos de gestão.

No entanto, os estudantes senadores alegam que se sentem traídos e que não cumpriu as linhas orientadoras da candidatura a reitor da Universidade de Coimbra.

Eu não sei em que é que os traídos. Não se pode pedir ao reitor que aceite que o senado não funcione, que seja invadido, que a cerimónia de abertura solene seja interrompida, que aceite tudo isso com uma cara de contentamento e como um convite a novas invasões e a novas ilegalidades. Não é possível. Se os estudantes alguma vez tiveram a percepção de que eu iria aceitar esse tipo de atitudes continuadas enganaram-se e é preciso que tomem essa consciência.

O Senado deliberou alertar os órgãos competentes para a necessidade de se proceder à imediata publicação do regime disciplinar aplicável aos estudantes do ensino superior, assim como proceder, à constituição de uma Comissão Permanente do Senado para efeitos do exercício do poder disciplinar. O que se pretende?

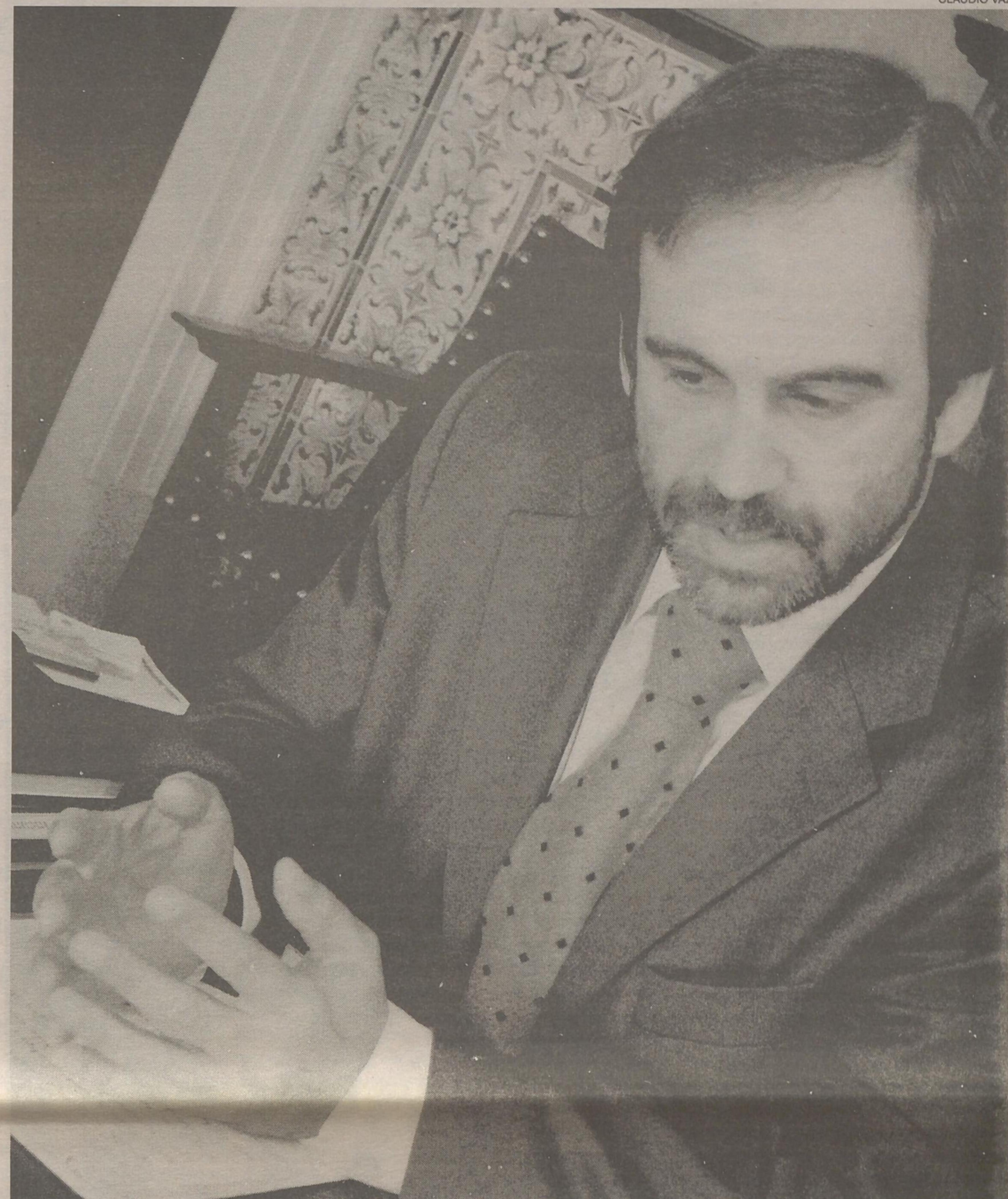
A universidade é composta por três corpos. E nenhum dos corpos se deve subtrair às regras democráticas do funcionamento das instituições. Quando algum docente ou funcionário comete algum acto que a instituição considere incorrecto existem formas de actuar sobre ele, através de procedimento disciplinar. Os estudantes não são melhores nem piores do que os outros. São homens e mulheres com qualidades e defeitos e portanto não estão livres de num ou outro caso a instituição considerar alguma atitude incorrecta. O que se pretende é que, assim como existe uma forma de a universidade reagir perante atitudes incorrectas da parte dos docentes e funcionários, tem que haver um enquadramento para os estudantes.

Mas já foi criada a Comissão Permanente do Senado para exercício do poder disciplinar?

Essa comissão está consagrada nos estatutos da Universidade de Coimbra de 1990 só que nunca existiu. Trata-se de pôr a funcionar mecanismos

democráticos de organização interna da universidade. Essa comissão é constituída por um representante dos docentes, funcionários e estudantes e tem como competência analisar os casos que sejam apresentados. E espero que os estudantes continuem a exercer uma presença forte nos órgãos de gestão.

Os estudantes constituem 25 dos 72 membros do Senado Universitário. Com a demissão da maioria dos estudantes senadores restam cerca de oito estudantes. No entanto, lembro que a participação dos estudantes nos órgãos de gestão na Universidade de Coimbra é a mais forte



“Não há de meu lado nenhuma iniciativa de dificultar o relacionamento institucional”, afirma Seabra Santos

estatutariamente consagrada nas universidades portuguesas, daí que essa participação seja absolutamente indispensável para demonstrarem os seus pontos de vista, mas também para aceitarem que, nalguns casos, a opinião deles pode não ser a opinião maioritária da universidade. E é só isto que está em causa: aceitar o jogo democrático, ter a humildade de ver que às vezes a nossa opinião não é a dos outros. Temos de nos contentar quando ganhamos e aceitar com fair-play quando perdemos.

Não teme que esta questão venha ainda a agravar mais as relações entre os estudantes e reitoria?

Não. Como comprehende nós vivemos num estado democrático e nenhuma lei pode ser aplicada como efeitos retroactivos. Não está em causa agir sobre aqueles que no passado fizeram alguma coisa de que eventualmente não se orgulhem. Trata-se de acatelar o futuro e de dotar a instituição universitária de um instrumento equilibrado em relação a outros que já existem para os restantes corpos.

É legítimo dizer que se vive uma crise nas relações entre estudantes e a reitoria?

Não tenho dúvidas quanto a isso. E este momento de crise resulta do facto de alguns estudantes não entenderem que a reitoria tem a obrigação de defender o funcionamento democrático da universidade e que

não pode deixar de o fazer. Tentei compreender alguma radicalização da parte das manifestações estudantis que é tradicional, útil, dinâmica, mas tendo a noção de que há limites. Há limites para tudo e a certa altura não é possível continuar a acompanhá-los e tem que se fazer funcionar a ordem da instituição, porque os estatutos da universidade são as regras que funcionam como uma espécie de constituição interna da UC nos quais os três corpos da universidade se devem rever. E eu questiono como e quantas vezes foram desrespeitados e ultrapassados por um desses corpos.

O facto de podemos ter uma opinião contrária em relação à forma como um ou outro aspecto está escrito não legitima o incumprimento desse texto constitucional da UC.

Mas acha que a relação entre estudantes e a reitoria tem alguma solução?

A minha postura é sempre a mesma, ou seja, facilitar a aproximação entre os corpos que compõem a comunidade universitária, num contexto em que atribuo extrema importância às relações que tem de haver em qualquer universidade entre a reitoria e os estudantes. Portanto, as pontes não são cortadas

pela reitoria. Nem nunca serão. Tenho esperança de que esta questão seja meramente conjectural e que a reflexão conduza ao retomar das relações, porque há vários projectos em curso que é preciso discutir. Eu espero que estes projectos não sejam interrompidos, pelo menos da minha parte estou certo de que não o serão, mas podem vir a ser atrasados por essa dificuldade colocada na última Assembleia Magna [foi aprovado o boicote a todas as cerimónias e actos públicos em que a AAC seja convidada e o reitor esteja presente].

Há um conjunto de questões que eu não posso resolver autonomamente e, portanto, gostaria de fazer isso em colaboração com os estudantes. Por exemplo, o projecto de

construção do novo edifício da AAC no Pólo II, que gostaria que arrancasse no próximo ano. Mas para isso é necessário ter regularmente presente a opinião da direção-geral.

E como perspectiva as relações da reitoria com a futura direção-geral quando na Assembleia Magna foi aprovado um boicote às cerimónias e actos públicos em que a AAC seja convidada e que o reitor esteja presente?

Vou continuar a lançar as pontes.



O reitor sublinha a referência à intervenção das "forças de ordem pública" na providência cautelar apresentada pelos estudantes no final do ano lectivo passado

Não há do meu lado nenhuma iniciativa de dificultar o relacionamento institucional, antes pelo contrário. Sempre disse e continuo a dizer que esse relacionamento é imprescindível e penso que agora existe o que faltava, uma clarificação completa das posições. Já se percebeu até onde é que o reitor e a reitoria podem ir, e as críticas que tenho recebido são precisamente no sentido de que se foi longe de mais, no sentido de tentar estender a mão a uma contestação que manifestamente ultrapassou as marcas: no respeito à autoridade democrática de funcionamento da universidade, dos preceitos de entendimento democrático e também de bom senso e boa educação entre as pessoas. É pois no respeito por esses princípios básicos de funcionamento de uma sociedade democrática, que a UC, através da sua reitoria, e a AAC têm tudo o que precisam para se entender bem e para continuar a trabalhar em conjunto nos processos que têm em mãos.

"Estamos a entrar numa lógica de concorrência"

Na última Assembleia Magna foi levantada a hipótese de a uni-

versidade ser novamente fechada a cadeado, mas acabou por ser rejeitada. Caso esta medida avançasse ou ainda venha a avançar, qual seria a reacção da reitoria?

Hoje em dia uma instituição universitária tem que ser uma instituição aberta para o futuro, aberta para a sociedade e portanto, a reitoria entende que a UC tem de funcionar. Daí que a imagem de uma instituição fechada a cadeado é sempre uma imagem prejudicial ao seu funcionamento e aos projectos que tem em desenvolvimento.

É evidente que a reitoria não apoia e considera ilegítimos e ilegais esses procedimentos e fará aquilo que estiver ao seu alcance para que essas atitudes não prejudiquem a imagem da instituição universitária e o seu funcionamento normal.

Entendo também que essas são atitudes de grande fraqueza por parte dos estudantes porque, como temos assistido no passado, meia dúzia de pessoas podem pôr um cadeado e depois vão-se embora. E isto significa que é uma forma fácil de garantir a não presença nas aulas e a prossecução de greves às aulas. Preferiria que as greves fossem par-

ticipadas, quando decretadas, porque uma acção de protesto com milhares de estudantes é de facto uma acção com significado político. Portanto, que não se recorra a processos que visam apenas concretizar acções que escondam a força política e a força numérica que está por detrás das decisões. Não lhe vou dizer exactamente o que faria, mas nessa situação a decisão seria em concertação com os conselhos directivos de todas as facultades e com todos os responsáveis institucionais da Universidade de Coimbra.

Pedia-lhe agora que explicasse a sua posição ao afirmar que é contra a actual lei de financiamento, mas que não tinha outra solução se não aplicar a propina máxima na UC. Estamos a entrar em algum

tipo de lógica de concorrência entre as universidades públicas?

Não tenha dúvidas de que estamos a entrar numa lógica de concorrência e não só o reitor da UC que está a entrar nela. É a lei de financiamento, e aliás todas as outras leis que estão a ser preparadas nessa matéria, que estão a tentar alterar o paradigma de funcionamento do sistema universitário.

Relembro que no ano lectivo que agora acabou a UC foi a única universidade pública que se manteve na propina mínima, sendo que algumas decidiram imediatamente a adopção da propina máxima e um outro grupo decidiu uma progressão para a propina máxima, em dois anos ou três anos.

No entanto, tornou-se inevitável, não por força da vontade do reitor da UC mas por força da legislação, as regras do jogo agora serem essas. Aquilo que aconteceria à UC se nos mantivéssemos na propina mínima era, a muito curto prazo, perder influência e prestígio em relação às outras, algo que não pode ser pedido a um reitor.

Portanto, a reitoria, o reitor e o senado tiveram de escolher uma de duas situações: ou aceitavam uma propina máxima, muito embora sabendo que ia contrariar uma parte significativa de estudantes e criar problemas económicos numa parte não desprezável de estudantes ou, para evitar isso, aceitar que a muito curto prazo a UC fosse comparativamente secundarizada em relação a qualquer outra universidade pública portuguesa.

Qual o balanço que faz das políticas educativas para o ensino superior, inicialmente levadas a cabo pelo executivo de Durão Barroso e actualmente por Santana Lopes?

Já todos sabem o que eu penso das políticas governamentais para o ensino superior e todos os meus discursos expressam a minha posição. Tenho me pronunciado contra a política educativa, contra a proposta de lei de Autonomia, contra a tentativa de saída dos estudantes dos órgãos de gestão, contra o aumento indiscriminado das propinas, contra a responsabilização dos senados e conselhos directivos em fixarem o valor da propina, contra a substituição de um sistema público de ensi-

no superior por uma rede de instituições públicas, privadas e cooperativas. Temos a responsabilidade de os formar com a independência ideológica, religiosa e o que só pode ser feito através de escolas públicas e não através das privadas ou concessionárias.

Com o facto de ter sido fixada em Coimbra a propina máxima, há quem afirme que é mais barato

estudar numa universidade privada perto da área da residência do que vir para a Universidade de Coimbra. Qual é o impacto

desta medida, numa já falada regionalização da universidade?

A universidade de Coimbra mantém-se uma das mais internacionais e uma das mais nacionais universidades públicas portuguesas. A Universidade de Coimbra recrutou 70 por cento de estudantes de fora da sua área de influência e, portanto, essa é uma preocupação muito grande.

Nesse âmbito, a ministra da Ciência, Inovação e Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, aceitou, por minha iniciativa, introduzir no cálculo de acesso às bolsas de estudo o factor estudante deslocado, embora não saiba para quando. Mas houve a sensibilidade da parte da ministra de introduzir esta alteração, proximamente na revisão da lei da acção social.

Neste momento, a única função social das universidades privadas é a de evitar a deslocação da casa dos pais. Se nos grandes centros urbanos não existissem universidades privadas, esses estudantes teriam que ir para as universidades públicas fora dos grandes centros.

Assim, o pouco apoio que existe para com os estudantes deslocados é uma dificuldade real que é preciso encarar. Na UC, por exemplo, estou a tentar incentivar a construção de residências universitárias. Em Janeiro ou Fevereiro do próximo ano vai-se iniciar a construção de uma residência de estudantes no pólo das ciências da saúde, com 270 quartos, tornando-se a maior residência da universidade. Ao mesmo tempo, continua em projecto um mega concurso com recurso a parcerias públicas e privadas para a construção de uma residência ainda maior, de 350 quartos, no Pólo II. Este projecto ainda não avançou devido à actual conjuntura económica.

Quais as formas de luta que ainda restam aos estudantes em defesa de um ensino superior público gratuito e de qualidade, princípio que se encontra consagrado na constituição?

Eu compreendo a luta e também que a democracia é muito mais do que votar de quatro em quatro anos. A democracia constrói-se todos os dias com a participação dos cidadãos e a apresentação das suas ideias, recorrendo a formas de luta que estão estabelecidas. Mas é preciso força para não se cumprir a lei e é preciso que se mostre que quando um conjunto muito significativo de pessoas está a fazer alguma acção tenha legitimidade para o fazer, pelo menos em termos numéricos. Isto é, se eu tiver cinco mil estudantes à Porta Férrrea a contestar a minha acção, a abordagem política é totalmente diferente de quando eu tenho 25 pessoas a interromperem a cerimónia pública de abertura solene das aulas, quando tenho 80 pessoas a invadirem o senado ou tenho 250 pessoas numa Assembleia Magna a decidir por 20 mil estudantes que compõem a Universidade de Coimbra. E aqui falo enquanto cidadão: o que é preciso é que haja adequação das formas de luta à força que está por trás dessas acções. E lamento que elas sejam tanto mais radicais quanto menor é a força das pessoas que estão por trás. Esse é o maior lamento que eu faço.

Leia esta entrevista na íntegra em acabro.net.

O método de Monnet

Sérgio Alves

antigo director do jornal A CABRA

Escreve Jean Monnet, numa das páginas das suas férteis memórias, que a estratégia de um beligerante isolado nos meios e nas convicções passa, prioritária e essencialmente, por um esforço empenhado na perturbação, desarticulação e, se possível, na ruptura entre o entendimento e cooperação existentes ou desejáveis entre os seus inimigos.

E, resultado tão lógico quanto esperado, uma mobilização fragmentada, desconcentrada e dispersa, pulverizada nos seus objectivos e destinatários, tem um grau de eficiência praticamente reduzido a nada.

Tudo isto não se trata de um postulado sobre estratégia militar. Trata-se de uma ideia global sobre o relacionamento entre pessoas, sobretudo dos grupos, das perspectivas e posturas que os caracterizam e contribuem para a sua formação e diferenciação, dos vários interesses em jogo no âmbito de um determinado conflito de posições, pensamento e objectivos, seja ele de natureza militar, social, política, económica, cultural.

Em Agosto de 2003, o Governo – no quadro da aprovação de uma nova Lei de Financiamento do Ensino Superior e, certamente, aco-sado pelo receio do impacto negativo dos factores destabilizadores que trazia incorporados – resolve tirar da cartola a atribuição do expediente da fixação dos novos valores de propina às unidades orgânicas das universidades que, sob o guarda-chuva da sua autonomia, deveriam, para o efeito e na prática, fazer um exercício de previsão das receitas que poderiam ser angariadas através do Recurso Propinas com vista a assegurar o equilíbrio do respectivo Orçamento da Universidade, este cada vez mais órfão das dotações consagradas no Orçamento de Estado.

Durante os anos em fui redactor d'A CABRA, encontrei-me várias vezes com Seabra Santos, então vice-reitor da Universidade de Coimbra. E encontrei-me várias vezes com ele, não tanto na evidência do lugar que desempenhava na hierarquia da UC, mas fundamentalmente na medida em que foi sempre a pessoa que se demonstrou mais disponível e simultaneamente mais capaz para falar, explicar e opinar sobre tudo o que ao orçamento da Universidade de Coimbra dizia respeito – os projectos e as políticas a ele subjacentes, as dificuldades, os méritos, as consequências directas das estratégias definidas em Lisboa pelo Ministério da Educação.

Dois contactos que mantive com ele, conservo não só a pós-graduação em orçamentação do ensino superior (e da UC em particular) derivada de tudo o quanto de valioso e esclarecedor ele sempre transmitiu, mas também a ideia de alguém permanentemente insatisfeita e inconformado com a política de progressivo desinvestimento no ensino superior e as chocantes consequências da mesma na Universidade de Coimbra.

Ademais, numa altura em que no seio do Conselho de Reitores era tabu (como, aliás, continua a ser por sagrado princípio de conduta) pensar fazer-se uma crítica negativa ao Governo, Seabra Santos corporizava uma das únicas vozes do establishment que “ousava” criticar, pelo menos publicamente, a política do Governo em matéria de ensino superior.

Não creio que Seabra Santos tenha perdido as qualidades que eu sempre lhe reconheci e que muitos que haviam trabalhado com ele sublinharam a quando da sua candidatura a Reitor da UC. Julgo, sim, que as – infelizes e atrozes – circunstâncias cuidaram de expor algumas das suas debilidades, das quais sobressaem certamente a incapacidade de lidar com a pressão a que está sujeito, a incapacidade de comunicar, a incapacidade de encontrar boas soluções no meio de uma crise.

Mas a fatalidade da Universidade de Coimbra é maior e soberba: as mesmas debilidades que o Reitor tem apresentado, têm-nas igualmente ostentado os estudantes e as estruturas que os representam, fraquezas essas que, em determinados momentos, aqueles têm procurado disfarçar de uma forma absolutamente confrangedora.

A Universidade de Coimbra encontra-se pois num beco sem saída: de um lado encontra-se um reitor que, encostado à parede pelo Governo e posteriormente pelos estudantes, não tem agilidade nem capacidade para reagir e reunir em torno dele condições que permitam uma solução sem rupturas latentes; do outro lado, encontram-se os estudantes e uma AAC completamente desesperados de argumentos, memória, método e ideias, sem capacidade de levar para um degrau superior a luta pela qual se batem há décadas, permitindo-se de uma forma desorientada a disparar em todas as direcções, Governo e universidade à cabeça.

Voltando à perspectiva de Monnet

O Governo e a sua lacaia Lei nº37/2003 de 22 de Agosto conseguiram algo de inusitado. Conseguiram por os estudantes contra as suas universidades e as universidades contra os seus estudantes. E conseguem-no apesar de tudo. Conseguem-no apesar de universidades e estudantes, no fundo, pretenderem o mesmo. Conseguem-no apesar de universidades e estudantes discordarem em relação aos pontos fundamentais sobre os quais está arquitectado o ensino superior em Portugal. E conseguem-no quando o maior perigo para a sobrevivência de Governo e Lei poderia advir, precisamente, da eventual e mais que

lógica cooperação e concertação entre universidades e estudantes.

E a verdade é que essa cooperação e essa concertação teriam sempre que existir, mesmo que a título imediato não estivesse o objectivo de derrotar Governo e Lei! E teriam que existir pela simples razão de universidades e estudantes precisarem de estar unidos, precisarem de se ouvir e entender, precisarem de comunicar e resolver juntos os problemas, não só em tempos de crise mas também em tempos de paz. Porque ambos precisam um do outro para sobreviver.

Voltando ao beco

De um lado Seabra Santos, com seu presente envenenado nas mãos: precisa de governar a Universidade de Coimbra, governação que passa inexoravelmente por fazer aprovar em Senado um valor de propinas ao abrigo de uma Lei que ele considera injusta e desajustada; mas precisa de o fazer porque a estabilidade e a execução orçamental do orçamento da UC dependem em absoluto daquela decisão, na medida em que o dinheiro atribuído pelo Estado é manifestamente insuficiente para a gestão corrente da universidade, como todos o reconhecem; se agisse como nada se passasse, corria o sério (para não dizer evidente) risco de não conseguir fazer aprovar aquele valor em

Senado porque os estudantes não o iam deixar; se tomar precauções em relação a isso, ou o fazia de uma forma completamente tola (à custa das patéticas habilidades procedimentais de 2003) ou através de uma protecção efectiva do órgão em causa, pagando o preço da abertura de graves precedentes e feridas difíceis de curar; e nem o bloqueio à decisão do Senado nem as soluções para o evitar parecem de forma alguma aceitáveis; como não é igualmente aceitável que ele procure comprar uma paz com os estudantes sem que antes tome decisões que permitam criar uma solidariedade de facto, que permitam o estabelecimento da confiança mútua.

Do outro lado os estudantes, com as suas dores legitimidades: uns não querem propinas ou não querem que aquele valor de propinas; alguns querem propinas mas querem repescagem imediata em termos de qualidade de ensino; outros querem propinas mas querem igualmente uma ação social eficiente; mas, e no entanto, a suposta unidade, estratégia e linha directriz do pensar e reivindicar estudantil é traduzida e mediaticamente oferecida através do bloqueio da decisão do Senado, da invasão, do estropiamento; através da exigência da demissão do Reitor (seria a segunda e, a partir daí, enquanto houver estrada para andar...); através da imposição da demissão da ministra, como no passado se demandou a demissão de Carneiro, Ferreira Leite, Grilo, Oliveira Martins, Santos Silva, Lynce; através da repetição até à náusea do popular slogan cuja existência já se perde no tempo; através do eterno e autómato cumprimento do calendário de contestação de rua; através de tudo, menos abdicar de um momento solene para repensar tudo e começar do zero, com uma força e legitimidades redobradas.

Enquanto isso, o impasse. A fuga para a frente, o facilitismo, o confronto, a trincheira. De parte a parte. Por que não criar plataformas de entendimento? Por que não instituir um órgão através do qual Reitoria da UC e AAC concertavam, sem intermediários ou a companhia de agentes estranhos, as suas posições? Por que não procurar negociar em parceria com instituições bancárias e o Estado a cedência de créditos a taxas de juros inferiores às praticadas no mercado ou mesmo inexistentes até um predeterminado limite de tempo? Por que não elaborar e apresentar em conjunto um pacote de propostas conjuntas ao Governo, que poderia passar por uma lei alternativa, sustentada jurídica e financeiramente? Por que não chamar a Câmara Municipal de Coimbra a ter voz no assunto em vez de continuar de costas voltadas para o que se passa na Universidade? Por que não fazer uma monitorização daquilo que se passa a nível de ação social, procurar fraudes que existem no sistema de bolsas, fazer um levantamento das suas insuficiências? Por que não procurar negociar um sistema de “vouchers” ou, pelo menos, estudar e aferir as suas potencialidades? Por que não estabelecer que uma fatia dos lucros das festas académicas, Latada e Queima das Fitas, seja destinada a uma unidade administrativa que, dentro da AAC, fará a gestão desse dinheiro e a posterior distribuição por alunos comprovadamente com dificuldades em pagar as propinas? Por que não? Qual seria a força de uma posição comum tomada por Reitoria da UC e AAC? Qual seria a força do seu entendimento? Qual seria a força de novas ideias?

Para protestar nas ruas, invadir senados, inviabilizar aberturas solenes, fazer greve, fechar portas a cadeado, desafiar a polícia, é preciso coragem, convicções, muita determinação. E isso, verdade seja dita, abunda na Academia de Coimbra. Mas para apresentar ideias, discutir projectos, alcançar consensos, negociar cedências e conquistas, é preciso tudo aquilo mas muito mais: requer inteligência, equilíbrio, sensatez, humildade, perspicácia, arrojo, criatividade, imaginação, abnegação, sangue, suor e lágrimas.

E isso, infelizmente, não existe hoje na Academia. Não existe nem existirá a curto prazo. Porque longe vai o tempo em que a voz mais alta era a das ideias. Esta enrouqueceu e emudeceu, abafada pela mediocridade. É uma tristeza e simultaneamente uma fatalidade.

EDITORIAL

Uma lista não é só uma letra

Depois da turbulência das últimas quatro semanas no processo de luta estudantil está a sofrer um abrandamento. À falta de um novo catalisador, como o foram os acontecimentos de 20 de Outubro, nem outra coisa seria de esperar. A um pico de contestação (conseguido – é importante sublinhar – mais pelo acirrar de posições daqueles que já estavam empenhados na luta do que propriamente por uma maior adesão de estudantes) segue-se uma agenda de protesto não muito diferente da dos outros anos.

Por outro lado, surgem as eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra. O que significa que, durante as próximas duas semanas, o processo eleitoral remeterá para segundo plano as acções de protesto, até porque o recurso ao processo de reivindicação estudantil como forma de campanha é uma tentação a que a maioria das listas, historicamente, não consegue resistir.

Neste contexto, a campanha que se avizinha deve ser encarada como um espaço privilegiado de debate sobre estratégias futuras. É necessário que não se caia no apelo bruto ao voto, sem qualquer argumento que não o de um slogan por norma quase desrido de significação.

É fundamental que as listas candidatas se apercebam das suas responsabilidades e percebam que não é a eventual vitória eleitoral que as responsabiliza mas, muito antes do que isso, o facto de se apresentarem enquanto projecto. O círculo eleitoral de panfletos e cartazes em massa, as festas e convívios de presença obrigatória para o candidato à presidência da direcção-geral ou os chavões eleitorais de promessas gas-

tas são cenários simplesmente lamentáveis.

Uma campanha que possa contribuir para a informação e sensibilização é tanto mais necessária quanto mais urgente se torna a definição de uma estratégia a curto prazo. Neste momento, os estudantes podem-se perguntar “E agora?”. Há dois caminhos óbvios. Por um lado, há a hipótese de um crescendo de intensidade dos processos de contestação; contudo, esta é uma posição dificilmente sustentável, pois necessitaria do suporte de uma massa estudantil que, diga-se o que se disser, não está informada e, muito menos, mobilizada. Por outro lado, pode-se seguir com o normal ciclo de contestação, ora marcado por derrotas, ora por vitórias, basta consultar a história para se deduzir da sua apenas pontual eficácia. A terceira hipótese, de uma plataforma concertada com a reitoria, está excluída à partida. Embora o reitor Seabra Santos deixa em aberto a possibilidade de diálogo com os estudantes, é legítimo que estes se questionem acerca do que poderá fazer por eles um reitor que chamou a si, se não a decisão (esta tomada em senado), pelo menos a iniciativa de fixar a todo o custo a propina máxima.

O facto de se apresentarem quatro listas para os corpos gerentes não pode ser considerado senão um fenômeno salutar, reflexo de um dinamismo e de uma pluralidade de opiniões dentro da academia. Com estes dados lançados, esperemos não sair do processo eleitoral apenas com um vazio de ideias.

João Pereira

Cartas ao director podem ser enviadas para direccao@acabral.net

6 ENSINO SUPERIOR

Estudantes manifestam-se amanhã

Hoje é o segundo dia da residência universitária

Após a manifestação nacional de estudantes de ensino superior, a academia de Coimbra leva a cabo novas acções de contestação contra a política educativa do executivo de Santana Lopes. Já amanhã tem lugar uma manifestação de âmbito local

Margarida Matos

A manifestação de amanhã tem início no Largo D. Dinis e termina no Estádio Universitário. Já à noite, a academia volta a reunir em Assembleia Magna com o intuito de fazer um balanço das iniciativas desenvolvidas.

Segundo o presidente da Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra, (DG/AAC), Miguel Duarte, a manifestação nacional dos estudantes do ensino superior, do passado dia 4 Novembro, "não pode ser entendida como o culminar de todo o processo de contestação ao actual pacote legislativo para o ensino superior, mas apenas como o culminar de uma fase". E explica: "Daí a nossa estratégia de apostar numa luta contínua que tente mobilizar cada vez mais estudantes e da adopção de

novas iniciativas".

Quanto à manifestação local de hoje, a ter lugar esta tarde, o estudante de Economia afirma "que tem consciência que depois da manifestação nacional a mobilização pode ser menor" mas defende "que é preciso continuar a demonstrar o descontentamento e estender as causas estudantis ao resto da sociedade". Neste âmbito, ontem teve lugar a iniciativa "Operação-Flor", na Baixa de Coimbra, uma acção que distribuiu informação à população, sobre as principais questões da política para o ensino superior. Esta iniciativa "pretendeu ainda alertar para a forma como a educação, um bem público está a ser hipotecado, privatizado, condicionado aos valores da competitividade do mercado", salienta Miguel Duarte. O dirigente associativo acrescenta ainda "que com os últimos acontecimentos vividos na academia de Coimbra, a opinião pública ficou mais solidária com as causas dos estudantes".

Estudantes protestam por melhor acção social

Ontem e hoje decorre também o "Dia da Residência Universitária", tendo sido colocadas camas no Largo D. Dinis de forma a simular uma residência. Nessas camas estão colocadas inscrições referentes à política educativa, nomeadamente à Lei de Acção Social.

Os estudantes decidiram ainda inverter o sentido tradicional do corte-



Estudantes preparam-se para sair amanhã em protesto nas ruas de Coimbra

jo comemorativo da Tomada da Bastilha, que se realiza no dia 25 de Novembro. Assim e de forma contrária ao que acontece habitualmente, o percurso vai este ano ter início no edifício da Associação Académica de Coimbra e termina na Via Latina, no Pátio das Escolas. A torre da Ca-

bra vai ser nessa noite palco de um discurso crítico, em relação às políticas governamentais para o ensino superior, a ser proferido por Miguel Duarte.

Já em Dezembro, ainda numa data a estipular, vai ser levada a cabo uma acção conjunta com a FENPROF,

em Lisboa. Em Janeiro vai ter lugar a iniciativa "Legislativa do Cidadão" que visa recolher assinaturas nas academias de todo o país para a revogação da actual Lei de Financiamento do ensino superior, bem como a defesa da gratuitidade no sistema de ensino superior público.

Ciências da Educação discute desafios profissionais

Um encontro reúne, no dia 20, licenciados em Ciências da Educação para trocar experiências e ideias sobre o mundo profissional desta área

Pedro Santos

O II Encontro de Licenciados em Ciências da Educação (CE) decorre anualmente em Coimbra e pretende ser uma reflexão conjunta entre os profissionais das CE sobre a situação profissional, laboral e social em que se encontram. Assim, este sábado, os licenciados desta área vão reunir-se no Anfiteatro Professor Joaquim Ferreira Gomes na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC). A própria escolha do local prende-se com o facto de os licenciados irem prestar uma

homenagem àquele que é considerado o "pai" e precursor das Ciências da Educação no país.

De acordo com a comissão organizadora, constituída na sua maioria por docentes das CE na Universidade de Coimbra, este ano os temas fortes do encontro serão "o emprego, a designação e o perfil profissional dos licenciados".

O início do evento está agendado para as 9h30. Já os trabalhos propriamente ditos estão marcados para as dez horas. A comissão organizadora irá apresentar ao plenário um "estudo sobre a situação de emprego". De realçar que esta foi uma medida deliberada no encontro realizado no ano passado.

Depois dos números do emprego e da pausa para café, os participantes recomeçam, então, o trabalho, repartindo-se em dois grupos distintos, segundo os interesses dos licenciados.

Uma discussão irá recuar na temática "da(s) designação(ões) do licenciado, tentando estes chegar a um consenso para o posterior registo na classificação nacional das profissões. Esta discussão vai ser levada a cabo devido à necessida-

de do profissional possuir uma identidade nas diferentes carreiras no mercado de trabalho. "Pedagogo" ou "Educólogo" são as designações que estão em cima da mesa.

Os restantes participantes irão concentrar-se na construção "do perfil profissional do licenciado", outra proposta vinda do primeiro encontro. Este trabalho terá como objectivo a criação de um documento que sirva de bilhete de identidade às competências técnicas e específicas da licenciatura no mercado de trabalho.

Já da parte da tarde, os profissionais da educação voltam ao trabalho para a discussão da temática "formação contínua". A finalidade é a calendarização dum plano de acções de formação dirigidas aos licenciados, a decorrer durante o ano de 2005.

Está previsto o encerramento do dia com a reunião do plenário para a votação "das sínteses do trabalho dos grupos de discussão" em relação às temáticas referidas, bem como à informação, por parte da organização, sobre a "base de dados e o Observatório das CE", criado pelo encontro

anterior. Antes disso, e devido a uma solicitação realizada à comissão organizadora por um movimento que congrega várias pessoas das CE, denominado Plataforma PI (o símbolo do curso de CE), está previsto um espaço no encontro destinado à Associação Nacional de Licenciados em CE (ANALCE). Esta organização, apesar de existir formalmente, está inactiva há já alguns anos. O objectivo da Plataforma PI é fazer um ponto da situação e calendarizar todo o processo que conduza a eleições, a fim de activarem a ANALCE e democratizarem o processo no encontro. Isto na altura em que se ultimam também os preparativos, junto das entidades competentes, para a oficialização da Associação Nacional de Estudantes de Ciências da Educação.

A organização afirma que, apesar de ser um encontro de licenciados, "este evento está também aberto à participação de estudantes da licenciatura, que tal como aos licenciados oriundos de qualquer instituição do país". Os dados estão lançados para a discussão do tempo e do lugar das CE.

JACC
JAZZAOCENTRO CLUBE

Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra
2, 3 e 4 de Dezembro no TAGV
www.jacc.pt

PUBLICIDADE

“Os estudantes nunca venceram sozinhos”

Renato Teixeira assumiu ontem oficialmente a candidatura à presidência da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC). Contudo, afirma que a vitória nas eleições não é o objectivo

João Pereira

“Muda o discurso, muda a ação, vota na luta, Muda_AAC” – é este o slogan da lista M, um projecto que se apresenta sem fins eleitorais e que pretende informar, ajudar à mobilização dos estudantes e fazer com que estes se juntem a outros sectores da sociedade. O cabeça de lista Renato Teixeira é crítico quanto ao actual estado do associativismo nacional e defende uma direcção-geral “absolutamente empenhada” no processo de luta.

Quais as razões que levaram à apresentação desta candidatura?

O Muda_AAC decidiu avançar com esta candidatura por duas razões: primeiro, o Muda participou na comissão de luta, tentando ser coerente com o que nos parecia fundamental, que era aproveitar a ascensão da luta estudantil para dar um horizonte de vitória ao movimento dos estudantes, no sentido de derrubar a lei que este Governo ilegítimo está a impor. Em segundo lugar, e uma vez que não havia nenhuma lista que estivesse com a luta, dar essa resposta ao nível da direcção política. Entendemos que não é muito difícil sair vitorioso deste e de outros processos de luta se tivermos uma direcção-geral absolutamente empenhada nisso. Mas as respostas que vemos surgir não têm esse horizonte e, portanto, fámos continuar a ter um vazio de poder na DG/AAC, tal como já se tem vindo a assistir.

Antes da apresentação da lista, o Muda_AAC afirmou que não pretendia ganhar as eleições. É uma posição que se mantém?

Sim. Com esta candidatura, estamos a lançar as bases para que todos os activistas que estão na construção desta ascensão da luta estudantil possam dar resposta a um problema estrutural da academia. Só se ganha uma direcção-geral estando um ano a trabalhar numa lista, coleccionando na “mercearia dos caciões” tudo quanto é gente cuja única mais-valia é a capacidade de coleccionar votos. Também em termos financeiros é preciso um volume económico que nenhum grupo de estudantes informal consegue ter, o que me deixa perceber que o processo está inquinado à partida. A democracia representativa da AAC está condicionada à partida. Só estruturas muito organizadas, patrocinadas por correntes políticas, são capazes de garantir o trabalho de cacião e a capacidade financeira.

Achas que há um problema de representatividade na academia?

O sistema político que temos ho-

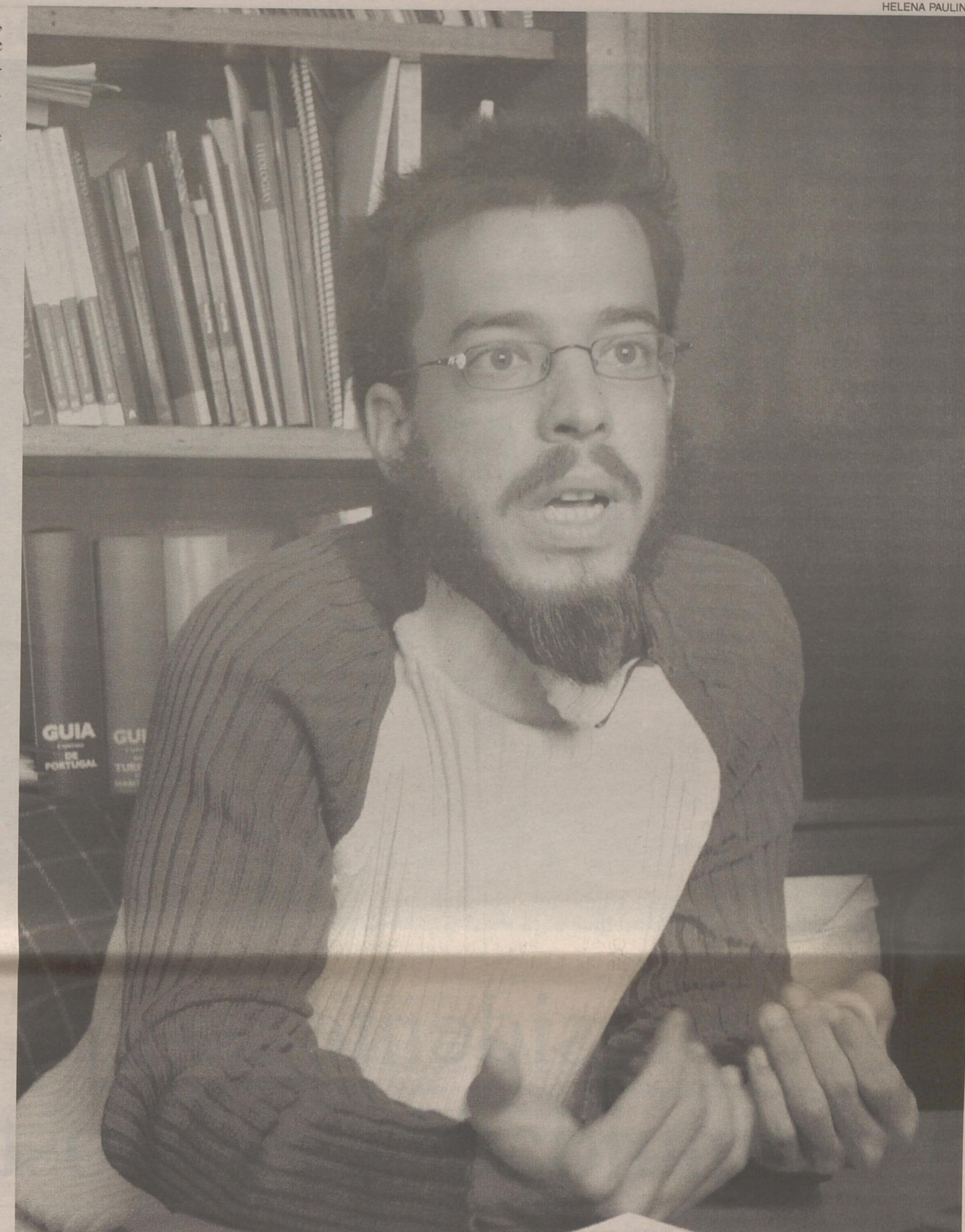
je, da democracia representativa, conduz a uma passividade latente por parte da generalidade das pessoas. Há obviamente um problema. É a sociedade que provoca isso. Mas isso não retira legitimidade de quem está de facto no movimento. Se é verdade que há um problema de mobilização, a questão da legitimidade é completamente diferente. Todo e qualquer estudante devia ter consciência, desde que aqui chega, de que é muito importante participar na Assembleia Magna. Se houvesse um esforço efectivo por parte das direcções-gerais para levar a todos esses estudantes a mensagem de que é naquele espaço que se decidem as estratégias todas para o movimento estudantil, pelo menos todos os estudantes teriam acesso à informação. E saberiam que se não fossem à Magna estavam a prescindir do seu direito de falar, decidir e participar na estratégia da academia.

Para além dos problemas de mobilização, é também muitas vezes apontado o problema de fazer chegar as causas da luta estudantil ao resto da sociedade...

Os outros candidatos têm falado muito na necessidade de nos virarmos para a sociedade. Nós não entendemos isso. Entendemos que somos parte da sociedade em si. Sendo parte da sociedade, não há causas da sociedade e causas dos estudantes. A palavra de ordem “estudantes unidos jamais serão vencidos” é a maior mentira que se pode vender. Os estudantes nunca venceram sozinhos coisa alguma. O movimento estudantil é também parte da sociedade, até porque é um movimento inter-classista. Neste sentido, as causas das mulheres ou as causas dos trabalhadores ou as causas das pessoas que precisam do Serviço Nacional de Saúde são também as causas dos estudantes, porque há estudantes que são trabalhadores, porque os estudantes precisam do Serviço Nacional de Saúde, porque a maioria dos estudantes é mulher e, como tal, sabe que esta sociedade está longe de ser igualitária.

Não poderá haver o problema de as decisões de uma Magna com algumas centenas de pessoas não espelhar a posição da maioria dos estudantes?

Dizer que o silêncio de quem não vai às Magnas é contra o que lá se decide parece-me falacioso. Posso partir do raciocínio contrário: o silêncio é uma anuência àquilo que a academia decide. Estive presente



Renato Teixeira lamenta “o trabalho de cacique” que afirma ser necessário para se chegar à direcção-geral

mentos, como já vimos no México ou em França, em que há uma ocupação activa do espaço universitário, com debates e discussões, as coisas seriam diferentes.

Neste momento, os estudantes não conseguiram a revogação da lei nem impediram a fixação da propina máxima. Dada a dificuldade dos estudantes em conseguirem os objectivos que lhe são mais próximos, achas viável partir para lutas em outras áreas?

A causa principal da derrota estudantil na área que lhe está mais próxima é o seu autismo e o seu corporativismo ao relacionar-se com o mundo lá fora. Se os estudantes,

no início da luta contra as propinas, estivessem preocupados em fazer a ponte com o resto da sociedade, se em vez de gritarem “estudantes unidos jamais serão vencidos” e terem construído um movimento coerente com essa palavra de ordem, tivessem construído um movimento coerente com a palavra de ordem “o po-

vo unido jamais será vencido”, então teriam cruzado as várias leis que estão a ser aplicadas à totalidade da sociedade e teriam dado uma resposta muito mais violenta e radical. Compreendemos uma coisa: não se resolve a lei de financiamento revogando-a. É uma questão de poder. O PS e o PSD, que já provaram ter políticas semelhantes nesta matéria (apenas ditas de forma diferente) garantem a continuidade desta política.

Como caracterizas o movimento associativo nacional?

Há dirigentes estudantis que, preocupados quase exclusivamente em garantir carreiras políticas, traíram a luta estudantil. O Encontro Nacional de Dirigentes Associativos (ENDA) tornou-se a maior barreira para que o movimento estudantil conseguisse uma vitória. Nós queixamo-nos do Governo, queixamo-nos dos reitores, que se tornaram agentes do próprio Governo. Dentro do movimento estudantil também há esses agentes. Devia-se substituir o ENDA por algo que estivesse mais perto da base estudantil. O ENDA está mesmo muito longe dos estudantes, não comunica com eles.

Um projecto colectivo

O Muda_AAC diz ser um projecto sem líderes, onde os cabeças de lista se assumem apenas como porta-vozes. Nelson Fraga, estudante de economia e candidato a membro do Conselho Fiscal, frisa mesmo que o movimento não pretende ser um “projecto eleitoralista”: “Ao contrário dos outros, o nosso projecto já existia e vai continuar depois das eleições”. Nelson Fraga refere que o processo eleitoral é visto pelo Muda como mais uma forma de tentar “mobilizar estudantes para a luta”. A este propósito, Ana Marta Ribeiro, aluna de Relações Internacionais e candidata a presidente da Mesa da Assembleia Magna, refere que para além de mobilizar é necessário informar: “Seria muito importante, por exemplo, afixar as deliberações de Magna”, defende. Nelson Fraga acrescenta ainda que o Muda vai usar o período de campanha para a promoção do debate e explica que o movimento pretende ser “uma plataforma para agrigar sectores combativos da academia”.

8 CIDADE

BRUNO GONÇALVES



Paulo Canha quer continuar o que considera ter sido um bom trabalho da anterior direcção

Novo presidente da ACIC propõe “continuidade com postura diferente”

Apoio a comerciantes antigos é uma prioridade

Paulo Canha apresenta projectos futuros e refere a importância da associação no tecido económico da cidade

**Ana Bela Ferreira
Diana do Mar**

Paulo Canha tomou posse como presidente da Associação Comercial e Industrial de Coimbra (ACIC) no passado dia 29 de Outubro, substituindo Horácio Pina Prata. A nova direcção tem agora dois principais projectos em vista: o Lar do Comércio e o Banco de Negócios.

O primeiro, diz o novo presidente, surge em resposta à problemática que atinge muitos comerciantes desde o 25 de Abril, uma vez que estes não descontavam antes da revolução e, por esse motivo, não recebem nenhum tipo de apoio por parte do Estado. Assim, o Lar do Comércio pretende constituir-se como “uma espécie de lar da terceira idade” que visa colmatar as dificuldades financeiras de todos os empresários ligados à associação, apoiando-os.

Por outro lado, o Banco de Negócios pretende assemelhar-se ao Ta-

gus Park de Lisboa. Seria, deste modo, uma infra-estrutura criada para a realização de eventos de pequena escala, bem como uma área de exposição com actividades vocacionadas para algumas áreas. Para além disso, teria “um papel determinante no tecido económico essencial à cidade”.

Em relação à concretização destes projectos, Paulo Canha refere que, “destes dois sonhos”, espera ter no final do seu mandato “um concluído e o outro, pelo menos, com as bases lançadas”.

Um legado de valor

Em relação ao trabalho do seu antecessor, Paulo Canha sublinha a “importância da equipa anterior, porque esta teve a preocupação de dar alguma projecção e credibilidade à associação”. O actual dirigente afirma ainda que “só pode fazer uma avaliação positiva de todo o mandato, visto que também fazia parte da associação enquanto presidente da direcção do sector industrial”.

A ACIC tem como objectivo defender os interesses dos seus associados e o seu papel principal passa por influenciar as estruturas macro-económicas, o Governo, e micro-económicas, as autarquias, de modo a articular propostas que consigam ir ao encontro das necessi-

dades destes. Neste âmbito, e dado que o desenvolvimento económico sustentado num concelho depende da gestão camarária, o novo presidente refere que “a ACIC estabelece a ponte entre as diferentes estruturas, de modo a conjugar prioridades que sejam realmente pertinentes na área do comércio e na área industrial”.

Visto que a associação incide o seu trabalho ao nível distrital, o papel da Câmara Municipal de Coimbra (CMC) é decisivo nesta captação de investimento, defende Paulo Canha. Deste modo, cabe à autarquia a criação das condições necessárias para o fomento das empresas do distrito dentro do orçamento que a câmara pode possibilitar.

Por outro lado, a gestão camarária necessita do aval do Estado. Assim, enquanto estrutura associativa procura “encontrar a fórmula que permita ao nível empresarial falar a uma só voz no sentido de reforçar o poder reivindicativo junto do Governo”, explica.

No entanto, verificam-se algumas dificuldades porque, segundo o presidente, “vive-se uma crise estrutural e, se não se constatar a colaboração entre partidos políticos e associações, dificilmente o nosso país conseguirá ser competitivo”, re-

mata.

Para a alteração do quadro económico, o presidente da associação acredita que “também é necessário ter em conta o entendimento interno, ou seja, a articulação entre os interesses das diferentes forças políticas no que toca às questões estruturais”, pois estas, “na sua maior parte, não são alteradas pela constituição do país”.

Apesar de ter uma vertente mais global no quadro do associativismo, a ACIC comprehende a proliferação das associações industriais em todos os concelhos. Estas visam os problemas diários dos associados, enquan-

to a ACIC trabalha sob a forma de uma macro-estrutura, tendo como função verificar se as condições são criadas para “um desenvolvimento equilibrado, que proporcione um investimento em áreas mais desfavorecidas”, considera o engenheiro.

O presidente sublinha que “gostaria que, no futuro, Coimbra significasse no contexto português e internacional ‘desenvolvimento, sem desemprego’”. No entanto, Paulo Canha reconhece o “sentido utópico” da sua declaração, mas acrescenta que “é preciso viver dessa utopia”, de forma a que “fosse um orgulho viver em Coimbra”.

Perfil

Norberto Paulo Barranha Rego Canha, tem 44 anos e é natural da freguesia da Sé Nova, em Coimbra.

Licenciado em Engenharia Civil pela Universidade de Coimbra começou a sua actividade profissional na Hidroponto, SA, onde realizou um estágio na área de Gestão de Recursos Hídricos e Cálculo Hidrológico. De seguida, integrou a equipa da empresa de engenharia e construções Teixeira Duarte, SA.

O seu regresso a Coimbra ficou marcado por uma passagem pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP). Daí saiu para assumir funções de administrador na fábrica de conservas e produtos alimentares, Maçarico, SA.

No que toca à sua relação com a Associação Comercial e Industrial de Coimbra, desempenhou já o cargo de presidente da direcção do sector industrial.

Coimbra concilia património com o turismo



Câmara Municipal de Coimbra lança programa de proteção e dinamização do património

O Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), a Câmara Municipal de Coimbra (CMC) e a diocese da cidade celebraram um protocolo no passado dia 8, que visa proteger o património cultural, religioso e arquitectónico da região.

As três instituições signatárias do protocolo pretendem criar consensos sobre a interação entre os edifícios construídos na região, principalmente os religiosos, e o turismo. Valorizar, preservar e defender são os grandes objectivos do acordo, para que os bens culturais sejam usufruídos por todos. Para esse efeito, a CMC vai desenvolver o projecto de criação de um Modelo Integrado para a Promoção do Património Construído, aceite pela Direcção Regio-

nal do IPPAR, com a colaboração do arquitecto Pedro Providência. A diocese cabe coordenar as tarefas no domínio dos monumentos afectos ao culto.

Numa primeira fase do projecto, uma equipa técnica formada por especialistas nas áreas de história da arte, turismo, economia, direito, arquitectura, liturgia e património religioso vai realizar vários estudos. Estes visam criar uma rede de circuitos culturais e religiosos, numa vertente turística. Os percursos vão ser definidos por temas, de acordo com os estilos arquitectónicos, as ordens religiosas, o espólio, o património musical, entre outros. A criação dos percursos temáticos procura reabilitar elementos culturais locais, defini-

nindo um programa mínimo de infra-estruturas necessárias para receber os visitantes.

Seguidamente, preparam-se os conteúdos para a promoção do projecto. Por fim, dá-se a sua operacionalidade e consequente acompanhamento por parte das instituições directamente envolvidas.

O concelho de Coimbra é detentor de um vastíssimo património cultural imóvel, compreendendo monumentos como os mosteiros de Santa Cruz e Santa Clara-a-Velha, as igrejas da Sé Velha e Sé Nova, a Torre do Anto, o Jardim Botânico, a Rua da Sofia, o Jardim da Sereia, o Pátio das Escolas, a Cerca de Coimbra, entre outros, principalmente relacionados com o culto religioso.

S. António dos Olivais celebra 150 anos

A freguesia de Santo António dos Olivais realiza, entre os dias 20 e 25 de Novembro, as festas comemorativas dos 150 anos de existência. São seis dias de várias iniciativas, contemplando áreas como a música, o teatro e o desporto.

A principal atração da festa é a Feira de Artes e Tradições, no largo Padre Estrela Ferraz, e que se prolonga pelos seis dias de comemoração.

O programa festivo é ainda composto por música, com a actuação de grupos de gaiteiros, fados e guitarras de Coimbra, grupos folclóricos, grupo de danças e cantares e grupos de cordas e jazz.

No dia 22 está prevista uma visita

à freguesia por autocarro. No dia seguinte será a vez do Mosteiro de Santa Maria de Celas ser visitado.

O desporto também está em foco, com a realização de um passeio turístico de bicicleta, uma aula de ginástica Chi-Kung e uma prova de caminhneiros. Realizar-se-á ainda teatro infantil e um convívio entre idosos da freguesia.

No dia 24 será celebrada a missa pelo Bispo de Coimbra na Igreja de São José, e no dia seguinte a missa em alma dos autarcas já falecidos na Igreja dos Olivais.

As comemorações das festas encerram com uma palestra de Azevedo Silva, no dia 25.

Projecto cria circuito de espaços turísticos

Várias instituições juntaram-se no início deste mês para assinar uma "declaração de intenções", em que se propõem a valorizar diversos espaços da cidade do ponto de vista turístico. É o projecto Link, que será constituído até ao final de Novembro.

Esta iniciativa visa facilitar a candidatura, efectuada através da autarquia e da Reitoria da Universidade de Coimbra (UC), a financiamentos nacionais e internacionais, como é o caso do Programa de Intervenções para a Qualificação do Turismo.

Nas palavras da vereadora do Ambiente, Teresa Violante, este projecto vai criar "um circuito integrado de diversos espaços da cidade de Coim-

Cidade recebe primeiro encontro de museus e ciência

A Associação de Museus e Ciência em Portugal vai promover em Coimbra o seu primeiro encontro nacional, a decorrer nas próximas quinta e sexta-feira.

Esta iniciativa pretende contribuir para a promoção do ensino experimental das ciências e da cultura científica nas actividades económicas do país.

O encontro decorre na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Centro (CCDRC) e na Casa Municipal da Cultura. Em simultâneo com esta iniciativa vai realizar-se uma mostra de divulgação científica, bem como o lançamento de um roteiro de museus e centros de ciência em Portugal.

A associação foi constituída em Junho passado no Visionarium, em Santa Maria da Feira, local onde se encontra a sua sede nacional. Esta instituição é constituída, entre outros, pelos museus da Ciência e de História Natural, o Museu Nacional da Ciência e da Técnica, o Visionarium e o Pavilhão do Conhecimento-Ciência Viva. O objectivo consiste em representar os principais museus e centros de ciência nacionais.

Bíblia copiada na Casa da Cultura

A Casa Municipal de Cultura está a acolher, até ao próximo fim-de-semana, o projecto "Bíblia Manuscrita", que consiste em copiar versículos do Livro Sagrado por parte dos cidadãos.

A iniciativa é organizada pela Sociedade Bíblica Portuguesa (SBP) e está a decorrer nas 22 capitais de distrito portuguesas.

Para participar neste projecto, os cidadãos podem dirigir-se ao "scriptorum" da sua capital de distrito e escrever um versículo, auxiliado por um "assistente de escrita". No final, um exemplar será oferecido à Biblioteca Nacional, havendo a possibilidade de ceder outro à Biblioteca de Alexandria.

Em Coimbra, a "Bíblia Manuscrita" foi inaugurada no passado dia 6, numa cerimónia que contou com a presença, entre outros, do presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnaçao, dos vereadores Mário Nunes e João Rebelo, do professor Fernando Regateiro e do Bispo da Diocese, D. Albino Cleto.

O "scriptorum" da Casa Municipal da Cultura está aberto ao público aos fins-de-semana, no horário das 10 às 18 horas.

Internet sem fios para 2005

A Câmara Municipal de Coimbra, em conjunto com a Portugal Telecom (PT), vai lançar a partir de 2005 o serviço de Internet sem fios nas zonas verdes junto da margem direita do rio Mondego.

O serviço vai estar disponível a partir da próxima Primavera e irá abranger o Parque Verde do Mondego e o Parque Manuel Braga. Esta medida visa potenciar a fruição desses espaços e a utilização da Internet nos computadores pessoais dos utentes.

Este protocolo enquadra-se num programa da PT destinado às Câmaras Municipais de Coimbra, Lisboa, Porto e Faro. Para além da instalação do sistema Wireless LAN para estes dois espaços, está ainda prevista uma modernização das redes de comunicação de voz e dados da autarquia. O processo passa pela instalação de redes de fibra óptica na câmara municipal, nos Paços do Município, na Casa Municipal da Cultura, na "Casa Aninhos" e ainda no Pátio da Inquisição.

Está também previsto no protocolo a disponibilidade da PT, durante os próximos três anos, para assistência gratuita das redes e equipamentos.

Câmara avança com recolha de lixo urbano porta a porta

A Câmara Municipal de Coimbra (CMC) pretende avançar já no próximo ano com um projecto-piloto de recolha selectiva de resíduos sólidos urbanos porta a porta.

Embora não estejam ainda definidas quais as freguesias em que será implantado o projecto, é desde já certo que este incidirá apenas em alguns locais do centro histórico. A vereadora da área do Ambiente da CMC, Teresa Violante, salienta que

esta experiência pretende trazer uma nova abordagem ao conceito de recolha selectiva, "para daí se colherem lições, e poder depois ampliar gradualmente à restante área do concelho".

Na prática, o projecto de recolha selectiva porta a porta "passará pela distribuição, em casa das pessoas, de sacos de cores diferentes para diferentes tipos de resíduo", sejam estes, papel, cartão, vidro ou embalagens

plásticas.

Este tipo de recolha pretende incentivar nas pessoas um maior impulso para a separação dos resíduos. "As pessoas sentem-se mais motivadas para proceder à recolha selectiva desde logo nas suas próprias casas", salienta Teresa Violante. Para a vereadora, este processo resulta numa vantagem adicional sobre os ecopontos tradicionais.

Com esta medida pretende-se, nu-

ma primeira fase, avaliar a resposta dos cidadãos a este tipo de iniciativa, e a médio prazo aumentar os números da recolha selectiva. "Daí adérm um maior número na taxa de reciclagem, uma maior reutilização", conclui Teresa Violante.

Quanto a custos para a autarquia, a vereadora diz não estar ainda em condições de os quantificar. Afirma no entanto que "os custos não serão assim tão significativos".

10 NACIONAL



Oposição defende retirada das tropas portuguesas em território iraquiano

GNR no Iraque divide opiniões

Presença de tropas portuguesas, justificada pela realização de eleições em Janeiro, é fortemente criticada pela oposição

Rui Simões
André Ventura

O Governo português anunciou, no passado dia 7, o prolongamento da missão das forças da GNR no Iraque por mais três meses, passando para dia 10 de Fevereiro a data de regresso dos soldados ao nosso país.

Esta medida já era esperada após Pedro Santana Lopes ter admitido, aquando da sua presença em Nova Iorque em Setembro último, o prolongamento da missão das forças portuguesas naquele país. Assim, os dois partidos da coligação governamental afinam pelo mesmo diapason, apoiando esta medida.

Miguel Coleta, deputado social-democrata, considera que esta é uma opção "justificável" visto que "o Iraque está a passar uma fase de transição para a democracia e toda a ajuda que possamos dar é pouca". Portanto, a continuação da GNR naquele país é necessária "no contexto da cooperação que as Nações Unidas têm vindo a dar para o projecto". Coleta reage, ainda, às críticas de "ocupação" do Iraque, dizendo que "esta é uma ocupação transitória" com a intenção de "ajudar a um nascimento de uma nova democracia". Em resposta aos pedidos de retirada do Iraque, o deputado do PSD de-

fende que isso "seria fazer a vontade a todos aqueles que não querem que a democracia vingue naquele país".

Tal como o parlamentar social-democrata, Anacoreta Correia, do Partido Popular, também apoia a manutenção das forças portuguesas em solo iraquiano, afirmando que temos "responsabilidades" a cumprir, já que "não fazia sentido retirar a segurança aos iraquianos no momento em que as eleições lhes vão dar uma oportunidade de escolherem os seus representantes".

Já em relação ao que poderá suceder após as eleições, o deputado popular prefere não fazer previsões, embora faça votos "no sentido de que as tropas possam regressar o mais cedo possível".

Anacoreta Correia também responde às críticas dum eventual ocupação do país do Golfo Pérsico, dizendo que esta "resulta da libertação dumha situação de ditadura" e justificando-a com os "deveres, nem sempre agradáveis" da comunidade internacional "no sentido de restabelecimento da democracia".

A oposição apresenta-se crítica desta situação. O socialista Manuel Alegre defende que "a GNR nunca devia ter ido para o Iraque e devia retirar imediatamente", até porque a realização de eleições é uma "misticização", já que o país permanece num clima "conturbado, de guerra a sério". Alegre lembra, ainda, que "esta foi uma guerra ilegal desde o princípio", que "não só não resolveu o problema do terrorismo mundial como criou um centro de formação de novos terroristas".

O PCP também contesta a decisão governamental afirmando, pela voz de Jerónimo de Sousa, que "não tan-

to por razões humanitárias mas por razões políticas" esta manutenção e prolongamento da missão da GNR no Iraque "é uma medida inaceitável que exige reconsideração". Jerónimo de Sousa acrescenta ainda que esta é "uma ocupação à revelia do direito internacional", que apenas se justifica pelo facto de o Governo estar "altamente comprometido com as decisões e as vontades do governo dos EUA". Assim, o deputado comunista conclui com a necessidade de "regresso imediato da GNR do Iraque".

Já Miguel Portas, do Bloco de Esquerda, também critica a medida governamental defendendo que "a GNR não está lá a fazer nada, a não ser dar cobertura a uma situação que é uma tragédia para toda a gente e em particular para o povo iraquiano". Portas afirma o que o povo iraquiano precisa "é das tropas fora de lá e de uma transição democrática" até porque "não há condições para a realização de eleições num contexto de guerra" e essas só seriam realmente pacificadoras "se incluíssem as oposições e resistências armadas à ocupação".

O contingente português no Iraque é composto, actualmente, por 110 elementos, e tem como objectivo, a par da manutenção da estabilidade social e política, a formação das forças de segurança iraquianas, até meados de Fevereiro de 2005, data do seu regresso definitivo, salvo nova prorrogação das sua estadia.

No entanto, a realização efectiva de eleições em Janeiro próximo tem sido posta em causa, perante o cenário de instabilidade e violência constante que assola o país, particularmente na zona de Fallujah.

Concentração dos media em discussão

A concentração dos órgãos de comunicação social deverá ser alvo de uma proposta do PSD. Forças da Assembleia da República apoiam a medida

Rui Simões

Depois dos acontecimentos das últimas semanas, com o abandono da TVI de Marcelo Rebelo de Sousa e as discussões públicas geradas, o Partido Social Democrata deverá tomar, brevemente, a iniciativa de apresentar uma proposta, na Assembleia da República, acerca da concentração de meios de comunicação social. Esta medida, embora sujeita a análise, é vista com bons olhos pelos diversos grupos parlamentares.

Assim, antevendo a possibilidade de a Alta Autoridade para a Comunicação Social (AAC) poder concluir que o problema, no caso de Marcelo, passou pela "concentração" dos órgãos de comunicação social, o PSD põe a hipótese de, assim que terminem as audições deste caso, lançar uma proposta no Parlamento sobre essa temática.

Segundo o deputado social-democrata Hugo Velosa, deve haver "uma discussão geral sobre o sistema de propriedade actual dos órgãos de comunicação social".

O PSD, a par do PP e PS, chumbou, na passada sessão legislativa, uma proposta do Bloco de Esquerda sobre esta temática. No entanto, segundo Velosa, esta foi chumbada apenas por uma questão de "forma".

Ainda do lado da maioria parlamentar, Anacoreta Correia, deputado do PP, afirma que a apresentação de tal projecto será "positiva", já que "numa democracia é preocupante a situação de monopólio da informação".

Já em relação ao possível chumbo da moção, o deputado popular não coloca tantas reservas quantas as que colocava à do BE, já que os seus "presupostos não eram os mesmos que os dum eventual projeto do PSD".

Do lado do PS, o surgir de tal moção também é bem visto, já que os socialistas também pretendem alterações limitativas da concentração de meios de comunicação social, bem como da possibilidade de interferência do poder nos media.

Pelo PCP, o deputado Jerónimo de Sousa, além de afirmar a necessidade de estudar o surgimento de tal projecto, considera que, no entanto, "a melhor resposta a esta situação seria dar uma maior voz ao comando constitucional que proíbe essa concentração".

Já o BE, pela voz de Francisco Louçã, apesar de colocar as mesmas reticências que Jerónimo de Sousa, considera que "se outros partidos apresentarem propostas nesse sentido é um bom caminho". E, portanto, o grupo parlamentar do BE pretende avaliar as moções "pelo seu mérito".

PCP quer alterar a lei da nacionalidade

Comunistas querem facilitar a naturalização de estrangeiros, valorizando e fortalecendo os seus laços com o país.

Elisabete Monteiro

O Partido Comunista Português apresentou, no passado mês de Outubro, na Assembleia da República uma proposta para alteração da Lei da Nacionalidade Portuguesa. Para o PCP, a alteração é fundamental para facilitar a concessão da nacionalidade a estrangeiros residentes em Portugal, e simultaneamente permitir a celeridade dos processos.

Propõe-se desde logo uma alteração ao artigo 1º, defendendo a possibilidade de os indivíduos nascidos em território português, filhos de estrangeiros que aqui residam com título válido e não se encontrem ao serviço do respectivo Estado, se tornarem "portugueses de origem",

desde que a sua vontade seja expressa nesse sentido. O deputado do PCP António Filipe mostra-se a favor da alteração, devido "ao impacto que tal teria na vida das pessoas, que têm de andar no calvário do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras a renovar a autorização de residência, de dois em dois anos".

Defende-se também a eliminação do critério de garantia de subsistência, de acordo com o qual é requisito para a obtenção da nacionalidade portuguesa, por naturalização, "possuir capacidade para regrer a sua pessoa e assegurar a sua subsistência".

Os comunistas pretendem ainda a supressão da exigência do decurso de três anos para aquisição da nacionalidade por casamento, assim como sugere a equiparação ao casamento da união de facto existente há mais de dois anos.

As alterações preconizadas pelos comunistas devem-se à sua consideração de que a actual lei "ignora a realidade dos estrangeiros residentes em Portugal e em nada contribui para criar laços de pertença e de inserção na sociedade".

INTERNACIONAL 11



Os ucranianos têm mais cinco dias para pensar quem será o seu próximo líder

Ucrânia elege presidente

O actual primeiro-ministro e o líder da oposição democrata ucraniana vão às urnas, a 21 de Novembro. Um será o presidente

João Alexandre
Ana Bela Ferreira

A segunda volta das eleições ucranianas, marcada para o próximo dia 21 de Novembro, vai ser disputada pelo actual primeiro-ministro, Victor Ianukovitch, e o dirigente da oposição democrata, Victor Iuschenko.

A primeira volta, que registou algumas irregularidades e erros, decorreu no passado dia 31 de Outubro. O resultado definiu um empate técnico, ainda que vantajoso para o actual primeiro-ministro.

Os vinte e quatro candidatos que participaram na primeira volta e os 75 por cento de eleitores inscritos que foram às urnas contribuíram para que este escrutínio fosse muito concorrido.

Segundo observadores internacionais, as presidenciais de 31 de Outubro na Ucrânia decorreram com algumas irregularidades no processo eleitoral, "não correspondendo em considerável medida aos padrões da Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (OSCE)".

Estas avaliações foram referidas pela OSCE e por outros organismos ocidentais, que constituem um grupo de mais de seiscentas pessoas. Segundo o chefe da missão de observadores da OSCE, Bruce George, "as eleições presidenciais ucranianas de-

ram um passo atrás considerável em comparação com as eleições parlamentares de 2002", sublinhando que "o maior problema foi a grande mobilização de recursos administrativos e meios de comunicação a favor de Victor Ianukovitch, candidato oficial do partido no poder, em detrimento do seu principal rival e dirigente da oposição, Victor Iuschenko".

No entanto, estas avaliações não foram unânimes. Para o grupo de observadores da Comunidade de Estados Independentes, organização que reúne doze das antigas quinze repúblicas da União Soviética, as eleições "foram realizadas em conformidade com a legislação eleitoral da Ucrânia, são legítimas, livres e abertas".

Com vista à conquista de votos para a segunda volta, o candidato Ianukovitch anunciou a realização de uma reforma constitucional, reclamada por comunistas e socialistas. Esta reforma prevê o aumento de poderes da Rada, parlamento da Ucrânia, dando-lhe, por exemplo o poder de nomear o primeiro-ministro, os chefes das pastas dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, assim como os governadores da Ucrânia. Até agora estas eram competências a cargo do Presidente Kutchma.

Para conseguir votos entre o eleitorado pró-russo que votou nos candidatos socialista e comunista na primeira volta, Ianukovitch reforçou a intenção de fazer do russo a segunda língua oficial do país.

Em resposta às promessas do seu adversário, Iuschenko, apresentou à Rada uma proposta de demissão de Ianukovitch de cargo chefe do Executivo, que entretanto foi chumbada. Para além disso, e de forma a alcançar o eleitorado socialista e comunis-

ta, o líder da oposição, ofereceu aos respectivos candidatos pastas no futuro governo ucraniano.

De entre os países vizinhos que acompanham de perto a situação política da Ucrânia, a Rússia tem mostrado particular interesse no escrutínio, tal como demonstram as declarações públicas do presidente Vladimir Putin, nas quais frisa a fraternidade entre os dois povos.

O interesse russo pelo desenrolar das eleições ucranianas deve-se ao sistema de tubulações que este país possui no seu território e que constituem um elo que assegura o trânsito de petróleo e gás russos para a Europa.

O porto ucraniano de Sevastopol como base da Frota do Mar Negro, uma importante unidade estratégica da Marinha de Guerra da Rússia, é outro ponto de interesse russo. As forças militares russas dependem, também, de peças sobressalentes produzidas na Ucrânia. De referir ainda as ligações culturais e religiosas entre os dois povos eslavos.

Deste modo, o Kremlin receia que estes interesses sejam ignorados em caso de vitória do líder da oposição, Victor Iuschenko. Moscovo apoia, então, o actual primeiro-ministro Victor Ianukovitch, que é também apoiado pelo presidente em exercício, Leonid Kutchma.

No entanto, quem quer que seja o futuro presidente ucraniano terá de seguir uma política moderada e flexível em relação à União Europeia para não prejudicar as relações comerciais com os seus vizinhos ocidentais. Por outro lado, a Ucrânia não pretende unir-se à Rússia, mas não pode deixar de continuar a ser sua aliada.

Emirados Árabes Unidos preparam sucessão

A morte do fundador e líder histórico dos Emirados Árabes Unidos coloca um ponto final em 33 anos de governação

Adalgisa Leitão

O presidente dos Emirados Árabes Unidos, xeque Zayed Ben Sultan Al-Nahyan, morreu no passado dia 2, terça-feira, aos 86 anos. Zayed governou a federação desde a sua criação, em 1971. O também líder da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) desde 1971 foi sepultado, quarta-feira, dia 3, numa cerimónia reservada.

O cortejo fúnebre foi acompanhado por representantes de diversos países árabes, de algumas potências ocidentais e pelos 50 mil populares que saíram às ruas de Abu Dhabi para prestar uma homenagem final a Zayed Ben Sultan Al-Nahyan.

O presidente, agora falecido, utilizou as receitas petrolíferas dos Emirados Árabes Unidos para transformar o país, dotando-o de estradas, escolas, hospitais, espaços verdes e

serviços sociais gratuitos. O país, com quatro milhões de habitantes, possui um dos rendimentos per capita mais altos do mundo e cerca de 85 por cento da população é composta por estrangeiros.

O secretário de estado dos EUA, Colin Powell, afirmou em comunicado que "o xeque Zayed era um modelo de generosidade, sabedoria e liderança. Todo o mundo o conhecia como um homem do desenvolvimento, da justiça e da civilização".

As atenções centram-se agora em quem será o seu sucessor. O próximo presidente será escolhido pelos líderes dos sete emirados em data ainda não anunciada, mas já são apontados diversos nomes para o novo Governo, muito provavelmente presidido por Ben Zayed Al Nahyan, o filho mais velho do xeque falecido. Al Nahyan foi nomeado pelo pai, em 1969, príncipe herdeiro de Abu Dhabi, a capital e o mais rico dos sete Estados.

Assim, de entre os sete novos nomes do elenco governativo, é de realçar a entrega do Ministério da Economia e Planeamento a Lubna Al Qasimi, que será a primeira mulher a fazer parte dum Executivo dos sete reinos: Abu Dhabi, Dubai, Sharjah, Ajman, Fujairah, Ras al-Khaimah e Umm al-Qaiwain.

Uganda procura acordo de paz

Após 18 anos de conflito, rebeldes e Governo poderão chegar finalmente a um entendimento

Olga Telo Cordeiro

As forças rebeldes do Uganda mostram vontade de chegar à paz com o Governo do país, com quem estão envolvidos numa guerra civil há 18 anos.

Um porta voz do LRA (Lord's Resistance Army), o brigadeiro Sam Kolo, em declarações à BBC afirmou que deseja encontrar uma solução para o conflito e que os rebeldes deixaram de acreditar numa solução militar para esta guerra civil, que já causou a deslocação de pelo menos um milhão e seiscentas mil pessoas, segundo a agência Reuters. Um número que supera o verificado em Darfur, no vizinho Sudão.

O LRA ficou bastante reduzido nos últimos meses de combate e espera agora que o presidente Yoweri Museveni esteja disposto a encetar acordos de paz. Dos dois a 3 mil homens que constituíam as forças rebeldes, há dois anos, restam agora, segundo o LRA, 200 combatentes.

Não foi ainda conhecida qualquer reacção do Governo a esta proposta mas Museveni havia dito no início do ano que ordenaria o cessar-fogo caso os rebeldes do LRA desejasse chegar a um acordo para uma resolução pacífica do conflito.

As Nações Unidas descreveram a situação no norte do Uganda como a mais negligenciada crise humanitária no mundo. Cerca de 90 por cento da população do norte do Uganda vive em campos de refugiados com grande falta de espaço e a constante ameaça de fome.

A impossibilidade de conseguir emprego aumenta a miséria e promove a promiscuidade. A prostituição infantil é um flagelo que aumenta de dia para dia e as percentagens de infecção de HIV rondam os 12 por cento, o dobro em relação ao resto do Uganda.

Um relatório do parlamento do Uganda revela que a reabilitação do país pode demorar 30 anos.

Livros que dão a volta ao mundo

O bookcrossing é um fenómeno pouco conhecido mas que, cada vez mais, ganha adeptos em Portugal difundindo-se um pouco por todo o país. Para quem desconhece, o bookcrossing é uma biblioteca virtual que integra uma comunidade de pessoas oriundas do mundo inteiro que se sentem tocadas pela leitura de um livro e que querem partilhar essa experiência com outras pessoas

Por Sandra Pereira e Carla Santos (Texto) e Joana Fonseca (Fotografia)



Estantes de bibliotecas, cafés ou mesmo caixas de multibanco são sítios possíveis para a troca de livros

Literalmente, bookcrossing significa "cruzamento de livros", mas na verdade é muito mais do que isso: é uma forma de compartilhar a paixão pela leitura transformando o mundo numa comunidade que aproxima todos os leitores. A ideia é libertar livros em vários locais e deixá-los circular gratuita e livremente pelo mundo fora... Os princípios básicos são conhecidos pelos três RRRs do bookcrossing: Read, ler um bom livro, Register, registá-lo no site, comentá-lo e etiquetá-lo, e Release, libertá-lo para que mais alguém o possa vir a ler.

O autor deste movimento foi Ron Hornbaker, dono de uma empresa de software, a Humankind Systems, Inc., em Kansas City, Missouri, nos Estados Unidos. Em Março de 2001, este americano criou o site oficial do bookcrossing, www.bookcrossing.com, que se tornou uma verdadeira biblioteca virtual. Desde então, o movimento não pára de crescer contando actualmente com mais de 300 mil bookcrossers em todo o mundo e um milhão e meio de livros de diversas línguas e proveniências geográficas. Segundo a mensagem deixada no site pelo fundador "é muito mais gratificante libertar livros e acompanhar o seu percurso e as vidas que vão tocando, do que acumulá-los numa estante qualquer". O fenómeno do bookcrossing tem vindo a captar uma ampla atenção por parte dos media e conta com 200 a 500 novos membros

todos os dias.

Tudo começa no site oficial. Após uma inscrição prévia, é só registar os livros que se quer pôr a circular e procurar os livros desejados na Book Wish List de outros utilizadores ou pedi-lo nos vários fóruns existentes. O fórum português revela bastante dinamismo e, além de dispor de imensos livros de autores portugueses, é um bom local de conversa e de possíveis amizades.

Como funciona

Todos os livros são portadores de uma etiqueta com um número de código que os identificam como "free books" e é no site que podemos seguir o seu rasto, conhecer a pessoa que o libertou e até ler as impressões e opiniões de quem já o leu. Passados de mão em mão ou enviados pelo correio, os livros podem voltar ao seu dono ou não. Tudo depende da lista onde o livro está registado. Na Book Ring, o livro percorre vários pontos do país e do mundo, mas acaba sempre por voltar ao seu ponto de partida. Por outro lado, na Book Ray, o livro entra numa viagem sem retorno, onde está em circulação constante. Ainda existe a Book Relay que envolve a troca directa de livros, ou seja, os bookcrossers podem pactuar uma troca de livros através de um fórum.

Um conceito diferente é o da Book Box, que consiste na reunião de uma série de livros, geralmente subordinados a um género, cedi-

dos pelos bookcrossers que querem contribuir, com o objectivo de serem doados a determinadas instituições ou pessoas.

No que toca aos locais de liberação de livros, existem várias "crossing zones" oficiais espalhadas pelo mundo. Qualquer espaço pode ser uma "crossing zone" desde que alguém o dê a conhecer no site, sendo bibliotecas municipais

e cafés locais frequentes. Mas não só! A grande originalidade do projecto reside no facto de se poder abrir mão de livros em locais públicos tais como jardins, museus, paragens de autocarros ou universidades. Assim, é possível encontrar cultura num sítio tão incrível como uma caixa multibanco!

As vantagens do bookcrossing são muitas. Os bookcrossers apon-

tam a possibilidade de ler livros que não encontram no seu país de origem e livros mais antigos que não sabem onde encontrar. Em Portugal, o preço elevado dos livros ajuda a difundir o bookcrossing, sendo que através deste os livros tornam-se totalmente gratuitos. A única despesa a ter em conta é a do selo do correio aquando do envio de livros para o estrangeiro, mas mesmo esse é mais barato do que para correspondência normal. Já nos Estados Unidos, o preço dos livros não é uma das principais razões que levam à adesão ao movimento devido ao seu baixo custo e à existência de muitas feiras de livros em segunda mão.

Por vezes, o movimento pode proporcionar mais do que a partilha de livros e impressões. Nos fóruns há quem chegue a fazer novas amizades que se consolidam nos vários encontros organizados regularmente em vários pontos do país. Por isso, o fenómeno bookcrossing não se destina apenas a promover a leitura e a criar uma biblioteca do tamanho do mundo. Funciona também como uma forma de convívio e uma partilha de experiências entre diversas pessoas com uma paixão comum: a leitura e a busca de conhecimento. É frequente perder-se o paradeiro de alguns livros libertados, ou porque as pessoas que encontram não registam (apesar de algumas libertarem após a leitura), ou porque não querem deixar escapar um livro interessante...

Glossário

Registrar (register) - Efectuar o registo de um livro no site oficial do bookcrossing para que lhe seja atribuído uma cota. Posteriormente este poderá ser libertado e localizado.

Libertar (release) - Trata-se da colocação de um livro num qualquer local público ou numa "official crossing zone" para que um potencial leitor o possa encontrar.

Caçar (hunting) - Procura de livros que foram anunciados no site oficial como livros disponíveis e libertados por algum membro.

Oficial crossing zone - local público, registado no site oficial, onde ocorre a permanente liberação de livros; normalmente no local público escolhido há um espaço próprio (prateleira, ou estante) devidamente identificado como oficial crossing zone.

Book ring - Criação de uma lista de pessoas a quem será emprestado um livro. Esta lista é proposta pelo possuidor do livro no fórum do site oficial. Os membros que se inscrevem na book ring têm que enviar o livro (depois de ter terminado a sua leitura) ao próximo utilizador. Quando o livro tiver passado pelas mãos de todos os inscritos, retorna ao seu dono.

Book ray - É uma lista similar ao book ring, mas na qual o livro não volta ao ponto inicial. Funciona como uma lista de membros interminável que estará sempre em circulação.

Book relay - Site criado pelos membros do bookcrossing que promove a troca de livros. Um membro só poderá receber um livro se disponibilizar outro em troca no site.

Leituras andam à solta em Coimbra

Sorrisos expectantes, palavra animadas e, principalmente, livros, muitos livros.

Tudo isto nos transporta, através da ajuda de alguns bookcrossers, a um mundo onde a leitura ganha uma nova dimensão

Não se sabe ao certo quando é que o fenómeno chegou a esta margem do Mondego. Contudo, parece ter chegado para ficar. Actualmente a cidade conta com duas "crossing zones" oficiais: o café Shmoo e a Casa Municipal da Cultura, que tem reservados pequenos espaços para a libertação temporária de livros. Pode-se dizer que é aqui que a "caça" começa e, por vezes, é na "crossing zone" que se tem o primeiro contacto com o movimento. "Pauloca" (o nickname da bookcrosser Paula Almeida) conta-nos a sua primeira experiência: "Eu tive o meu primeiro contacto com o bookcrossing na casa da cultura. Descobri a 'crossing zone' que lá está, tive curiosidade e fui ver. Após esse primeiro contacto, aderi logo".

A prateleira metálica, com o logótipo de um livro voador em cima, é o cartão de visita para quem entra na Biblioteca Municipal de Coimbra e dá de caras com livros gratuitos. Esta "crossing zone" foi criada no dia 23 de Abril (o dia do livro) com a ajuda de alguns funcionários da casa da cultura, que nesse dia, juntaram algumas obras, "libertando-as" depois na zona recém criada. "Mesmo não tendo acesso à Internet, as pessoas poderão participar no movimento a partir da "crossing zone", que acaba por funcionar como uma zona dupla, tanto de recolha como de 'depósito' dos livros", explica Maria de Fátima, uma bookcrosser que ajudou a fundar a zona de bookcrossing da casa da cultura.

No caso da outra "crossing zone" de Coimbra, o café Shmoo, foram os próprios bookcrossers frequentadores do local que decidiram fazer daquele espaço (que já oferecia a oportunidade aos seus clientes de ler livros e revistas) uma zona oficial de passagem do movimento.

Não se sabe o número certo de bookcrossers em Coimbra, mas, segundo o número apresentado pelo site oficial, existem 74 membros inscritos, sendo que nem todos são activos. Apenas se conhece aquilo que os une: o amor



pelos livros e o gosto pela partilha dos mesmos. "Pauloca" diz que adora ler e "o bookcrossing é uma oportunidade fantástica através do qual se consegue ler muito mais livros". Chega mesmo a frisar que "é dada a oportunidade de ter em mãos mesmo aqueles livros estrangeiros que, possivelmente, em situações normais nem se encontram à venda nas livrarias". "Biscoito", outro bookcrosser activo na zona de Coimbra, acredita ser possível ver o bookcrossing como "uma biblioteca gigante" e Maria de Fátima graceja dizendo que "aproveitou o bookcrossing para ganhar algum espaço em casa: "Já não tinha espaço em casa para tantos livros".

Nas crossing zones de Coimbra

faixas etárias. Existem crianças no movimento que são inscritas e incentivadas pelos seus pais para ir à "caça de livros".

Como uma família

Por vezes, os leitores que se "escondem" por detrás de nicknames no site e no fórum do movimento saem da "penumbra" através da realização de encontros nos quais os bookcrossers se conhecem. "Patxocas", uma bookcrosser madeirense que actualmente "caça" livros em Coimbra, relembrava que "no jantar de Natal do ano passado foi possível reunir muita gente a nível nacional". Mas, ressalva, "conseguiu-se reunir mais livros do que propriamente pessoas".

Além de encontros, são também

organizadas idas ao teatro, assim como viagens e passeios. Um dos passeios relembrados pelos bookcrossers entrevistados foi o do Convento de Mafra, com direito a uma visita exclusiva à grande biblioteca do convento.

Tudo poderá ser mote para mais um encontro e mais uma troca de livros, fazendo surgir nos bookcrossers um sentimento sólido de pertença e de fado do movimento ser



Bookcrossing em números

O bookcrossing é um movimento que já conta com 307.495 membros espalhados por todo o mundo e mais de um milhão e meio de livros registados no site oficial, tendo em conta que estes números são actualizados todos os dias devido a novas adesões e novos registos. Os Estados Unidos são o país que tem mais adeptos: cerca de 150 mil membros registados, seguido do Canadá, com 23 mil e do Reino Unido com 21 mil. Na verdade, o movimento é global pois abrange 130 países no total. Portugal conta com cer-

ca de 3700 membros, sendo as zonas de Lisboa e Porto as mais activas. Coimbra tem 74 membros registados, bastante activos na libertação de livros.

Quanto aos livros mais libertados, "Apocalisse 23", de Michele Fabbri, é o que mais viaja pelo mundo fora, seguido de "Geburt", de Shayol e Iris Cignavovo. No entanto, os livros mais registados, ou seja, os mais lidos, são "The Lovely Bones: A novel", de Alice Sebold e o bestseller "O código Da Vinci", da autoria de Dan Brown.

é possível encontrar-se todo o tipo de livros, desde a ficção aos livros técnicos, passando pelos livros infanto-juvenis e livros para adultos. Outro factor que varia bastante é a qualidade e a edição dos livros. Para esta grande mescla encontramos também uma grande mescla de leitores de diferentes

mídia, apesar de fado do movimento ser virtual. O sentimento de família revelou-se no seio da comunidade bookcrosser portuguesa, que resolreu reunir o maior número de livros este natal. Actualmente os números rondam as noventa e três unidades de livros infanto-juvenis e de adultos, destinados a serem

Para saber mais

Book relay
<http://www.bookrelay.com>

Projecto de Natal dos bookcrossers portugueses
<http://bcnatal.bookcrossing.com>

Bookcrossing em Portugal
<http://bookcrossing.blogspot.com>

Coimbra testa biodiesel

Óleos alimentares das cantinas são usados para a produção de combustível

Investigação surge quando se discute no Governo a possível isenção de impostos sobre produtos petrolíferos (ISP) aos biocombustíveis

Liliana Machado
Cláudia Sousa

O Departamento de Engenharia Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) desenvolveu uma investigação com a pretensão de determinar a viabilidade da aplicação do biodiesel na cidade. Por agora, os testes tiveram bons resultados e os responsáveis pelo projecto mostram-se confiantes na futura implementação deste tipo de combustível.

Para a concretização da experiência foi necessário o apoio da câmara municipal e dos Serviços da Ação Social da Universidade de Coimbra para a disponibilização de óleos alimentares usados, provenientes de hospitais e cantinas universitárias. A partir daí, realizou-se o processo químico de transesterificação: a reacção do óleo com o álcool em aquecimento, que produz o biodiesel e a glicerina, utilizada, nomeadamente, em produtos de cosmética. Posteriormente, pôs-se à experiência o combustível num veículo de recolha de lixo. Os resultados foram positivos confirmado-se o benefício do biodiesel para o ambiente, já que reduz a poluição atmosférica. É ainda um combustível não prejudicial para os veículos.

O biocombustível é feito a partir de produtos agrícolas ou óleos alimentares usados, com emissões de poluentes residuais. Segundo o coordenador da investigação da FCTUC, António

Portugal, este combustível tem, em termos de aplicação prática a nível nacional, uma representatividade ainda muito ténue devido à falta de um enquadramento legal dos projectos e devido à escassez do número de empresas licenciadas neste sector. O investigador considera necessário o aumento significativo do aproveitamento de óleos já usados e chama ainda a atenção para a potencialidade do nosso país na produção de biodiesel derivado do óleo de girassol, em certas zonas rurais, como o Alentejo, que apresentam condições propícias ao cultivo desta planta.

Pode, no entanto, salientar-se o projecto de funcionamento da primeira fábrica portuguesa de biodiesel, a cargo do grupo Nutasa. O presidente da empresa, João Rodrigues, julga ser indispensável que o Governo estabeleça um quadro legal que certifique as empresas de recolha e crie mecanismos de controlo dos utilizadores, de modo a garantir a recolha generalizada dos óleos usados. Prestes a avançar, está ainda o projecto da Galp, que visa promover a instalação de uma fileira de biocombustíveis em Portugal mediante o cultivo de 700 mil hectares de soja e colza como suporte para a produção de biodiesel.

Estes dois projectos enquadram-se na directiva aprovada em 2003 pelo Conselho Europeu que prevê, até final de 2005, que todos os estados membros tomem medidas para aumentar o uso de biocombustíveis, de modo a que atinjam uma quota mínima de dois por cento de toda a gasolina e gasóleo vendidos para fins de transporte. Uma percentagem que deverá aumentar progressivamente até atingir 5,75 por cento em 2010.

A aplicação de biocombustível foi já feita pela Carris, com uma mistura de dez por cento de biodiesel, em 18 autocarros da sua frota e também pela Sociedade de Transportes Colectivos



A poluição atmosférica nas cidades poderá vir a diminuir com a aplicação de biocombustíveis

dos Porto. Em Lisboa e Évora está à experiência em carros de recolha de lixo.

Biocombustível isento de imposto

O ministro do Ambiente e de Ordenamento do Território, Moreira da Silva, apresentou na sua proposta de orçamento para 2005 a isenção de pagamento de ISP aos biocombustíveis, tradicionalmente mais caros que os combustíveis de petróleo. Segundo o ministro, o impacto ambiental dos biocombustíveis vai permitir, ao nível nacional, a redução das emissões em 1,6 milhões de toneladas no sector dos transportes. Esta medida foi já aplaudida pelo presidente da direcção da Quercus, Hélder Spínola, que a considerou uma mais valia económica, nomeadamente no que diz respeito à redução da dependência de Portugal

do exterior e do ponto de vista da concorrência com os produtos petroliers. A aprovação da medida está ainda pendente da análise do Ministério das Actividades Económicas.

Questionado sobre o pedido de alteração legislativa do governo com

vista a isentar os biocombustíveis de ISP, António Portugal considera que a isenção total do imposto poderia retirar verbas necessárias para colmatar insuficiências ao nível da investigação sobre as formas de energia não poluentes.

Biodiesel: vantagens e desvantagens

O biodiesel pode resolver a questão do tratamento de resíduos, sendo ainda uma alternativa não tóxica e biodegradável. É também mais seguro de manusear e armazenar do que o gasóleo. Por outro lado, este tipo de combustível poderá promover o desenvolvimento da agricultura nas zonas rurais mais desfavorecidas, bem como reduzir a dependência energética do nosso país e a saída de divisas pela poupança feita na importação do petróleo bruto. Ao nível ecológico, reduz as emissões de dióxido de carbono e resolve problemas provocados pela descarga de óleos vegetais nas ETAR. As desvantagens são mínimas: a utilização do biodiesel em motores tem um poder energético ligeiramente inferior ao diesel. A sua capacidade de produção é limitada, pois depende das áreas agrícolas disponíveis e, portanto, só poderá substituir parcialmente o gasóleo.

Estudos indicam degelo total do Ártico até 2100

Alerta científico menciona alterações ambientais de grande dimensão, com o completo desaparecimento do gelo no Ártico durante o Verão

Cláudia Gameiro
Wnurinham Silva
Bruno Vicente

O Estudo sobre o Impacto das Alterações Climáticas no Ártico (ACIA), realizado por mais de 250 cientistas, revelou recentemente que nos últimos 30 anos o Ártico perdeu aproximadamente oito por cento da sua área gelada, o que se traduziu na perda de 988.416 quilómetros quadrados de gelo do mar.

Com base neste estudo os investigadores prevêem o aumento da temperatura da região,

entre quatro e sete graus até ao final do século, uma vez que o Ártico está a aquecer mais rapidamente do que outras regiões do globo devido às emissões de dióxido de carbono (CO₂) e outros gases.

O relatório, encomendado pelo Conselho Ártico, indica que as consequências locais do degelo, no Verão, podem passar pela extinção do urso polar e outras espécies da região, assim como os Inuit, uma população local que vive da caça a estes animais.

A nível global alguns dos sintomas do degelo estão já a ser sentidos e serão acentuados nas próximas décadas, tais como incêndios frequentes com o aumento do calor, aumento das regiões desérticas em 30 por cento em muitas partes do mundo, inundações em grande escala e eliminação de seres vivos sensíveis a pequenas variações de temperatura. Por outro lado o aumento acelerado do nível dos oceanos, entre 10 e 90 centímetros, será suficiente para a deslocação de parte significativa

da população mundial residente na zona costeira.

A perspectivar o futuro, o presidente da Comissão Científica do Departamento de Zoologia da Universidade de Coimbra, Manuel Graça, aponta para a realidade actual onde "os glaciares da Europa estão reduzidos a cerca de metade em relação ao que eram há 100 anos atrás e, inclusive, há cinco anos houve um desprendimento de um bloco de gelo na Antártica com a área da Holanda".

Apesar da ACIA avançar perspectivas que se enquadram num cenário de crise global, Manuel Graça não acredita que "a vida acabe na Terra e a prova disso é que quando queremos eliminar algumas pragas é praticamente impossível". Em relação a soluções, os especialistas na área salientam que são necessárias décadas, ou até séculos, para reverter o aquecimento provocado pelo CO₂ e outros gases, mas alguns danos são irreversíveis. No entanto, uma das soluções para o problema passa

por reduzir as emissões globais desses gases e o seu impacto a longo prazo, o que Manuel Graça acredita que pode ser feito, pois "existe um potencial de energia eólica para substituir na totalidade ou quase na totalidade os combustíveis fósseis".

Outro assunto de relevo neste tema é a falta de vontade por parte dos Estados Unidos em assinar o Protocolo de Quioto, facto que o presidente da Comissão Científica do Departamento de Zoologia considera "vergonhoso e quase um terrorismo para a humanidade, porque a nação que mais CO₂ lança para a atmosfera é aquela que não quer assinar o Protocolo de Quioto". Entretanto, está agendada uma reunião, para 24 de Novembro em Reiquiavique, na Islândia, onde os ministros dos Negócios Estrangeiros de oito países do Conselho Ártico – Estados Unidos, Canadá, Rússia, Japão, Finlândia, Suécia, Islândia e Noruega – vão reflectir sobre as conclusões políticas a extrair do relatório.

Briosa regressa às vitórias

Um só golo, da autoria de Rafael Gaúcho, decidiu o jogo, no início da segunda parte

Com uma exibição segura, a Académica venceu o Estoril por 0-1 e somou, à 10ª jornada, os primeiros três pontos fora de casa

Tiago Almeida

Depois da derrota no Estádio Cidade de Coimbra frente à União de Leiria, na jornada anterior, a Académica viajou até à Amoreira, com a esperança de pontuar, perante um adversário directo na luta pela manutenção.

Com Tixier e Rodolfo ausentes, João Carlos Pereira, frente a um Estoril ofensivo, apostou em Vasco Faisca, no lugar de médio de cobertura, com o apoio de Dionattan. Zé Castro é a novidade no eixo central da defesa, enquanto Rafael Gaúcho aparece atrás dos avançados Dário e Luciano.

O início do jogo apresenta uma Académica tranquila e inteligente na luta táctica do meio campo. Dário é a referência na frente do ataque e, várias vezes, é chamado a intervir. Luciano, Ricardo Fernandes e Rafael Gaúcho tentam o desequilíbrio, mas as oportunidades de golo não aparecem. Apenas a dez minutos do intervalo, Dário, depois de ganhar um ressalto, surge em zona de perigo, mas acaba por rematar às malhas laterais da baliza estorilista.

Mesmo em cima do intervalo, o Estoril responde, através de Buba. Com espaço e tempo para marcar, à entrada da pequena área, o central atira para as nuvens.

A segunda metade do jogo, bem diferente da primeira, é jogada com mais velocidade, originando, desse modo, maiores desequilíbrios tácticos. Aos 53 minutos, a Briosa marca. Em jogada de contra-ataque, Dionattan desmarca Rafael Gaúcho, na direita que, depois de tirar João Pedro do caminho, remata forte, junto ao poste esquerdo da baliza de Jorge



A Académica levou a melhor sobre o Estoril, com um golo solitário do brasileiro Rafael Gaúcho

Baptista.

Tranquila até então, a Académica, em situação de vantagem, não permite ao adversário chegar perto da sua área. Litos, o treinador do Estoril, apostou em Hugo Santos, Fellahi e Yuri, para chegar ao empate. No entanto, só no quarto de hora final, consegue fazer tremer a defesa académista.

Elias, com um remate forte, de longa distância, obriga Pedro Roma a uma grande defesa. A oito minutos do final, na sequência de uma falta contestada de Nuno Luís, o juiz da partida exibe o segundo cartão amarelo e consequente vermelho ao lateral da Briosa, deixando a Académica em inferioridade numérica.

Nesta fase, Arrieta e Yuri chegam a estar muito perto do golo, com dois cabeceamentos fora do alvo, em posições privilegiadas. No lance de Yuri, a bola ainda bate mesmo na trave.

Já em descontos, na sequência de um excelente lance individual, o

avançado volta a acertar, de novo, no poste da baliza de Pedro Roma. O apito final não chega sem que Dário ainda desproveite uma boa ocasião para marcar, após jogada de Joeano.

A serenidade dos atletas, em momentos importantes do jogo, permitiu à Briosa somar pontos, na fuga aos últimos lugares da Superliga. O Belenenses é o próximo adversário.

Nas cabines...



Litos, treinador do Estoril

—“Este não era o resultado que esperávamos. Mas hoje encontrámos uma Académica muito forte”.

—“Com a postura ofensiva que adoptei, foram criados desequilíbrios na nossa defesa. Se calhar, mais vale regressar à táctica conduta do início da temporada”.

—“Não fomos felizes na parte final e o empate não ficava mal, mas não foi por parte do Estoril”.



João Carlos Pereira, treinador da Académica

—“Fizemos uma excelente primeira parte, com boa circulação de bola e controlámos o jogo”.

—“Com mais avançados, o Estoril fez o que tinha a fazer. No entanto, estivemos bem”.

—“Merecemos vencer, embora com alguma sorte na parte final. Espero que esta seja a primeira de muitas vitórias fora”.

Voleibol derrotado em casa

Académica suplantada pela experiência e coesão vimaranense

Pedro Galinha
Jens Meisel
Rui Simões

No passado sábado, Académica e Vitória de Guimarães encontraram-se no pavilhão nº 3 do Estádio Universitário de Coimbra, numa partida a contar para a 7ª Jornada do Campeonato Nacional.

Vindo de resultados diferentes – a Briosa perdeu na jornada anterior com o Castelo da Maia, enquanto o

Vitória foi vencer no reduto do Riobricense – ambas as equipas necessitavam dos dois pontos em disputa, de forma a cumprir os objectivos para esta época: um lugar no topo, para os vimaranenses, e a fuga à despromoção para os de Coimbra.

A partida iniciou-se de forma equilibrada, sendo que o ascendente vitoriano apenas foi notório nos dois últimos sets. No primeiro parcial o resultado manteve-se muito equilibrado, mas uma melhor ponta final dos minhotos deu-lhes a vitória por 20-25.

O segundo parcial foi ainda mais disputado e a equipa comimbricense acabou por se superiorizar, “in ex-

tremis”, por 28-26, naquele que foi o

set mais longo da partida, com 32 emocionantes minutos.

A partir daí, a maior experiência da equipa do Minho acabou por se destacar, por oposição a um conjunto académista ainda muito jovem.

Assim, o maior potencial do Vitória fez a diferença que culminaria nos resultados, mais dilatados, dos dois últimos sets: 19-25 e 20-25.

Ainda assim, os “estudantes” mostraram valor e irreverência, sendo de destacar as exibições de Valdir e Éden Sequeira, assim como o desempenho de Marco Ruel nos dois primeiros parciais.

O treinador da Académica, Rui

Castro, considerou que “o que ganhou o jogo e fez a diferença foi a experiência” porque os jogadores do Vitória têm “muita qualidade e já jogam juntos há muitos anos enquanto a Académica é uma equipa que se está a formar”.

Quanto às metas para esta época, o treinador dos “estudantes” afirmou apenas pretender “ficar na divisão máxima” visto que esta “é uma equipa jovem, que tem que crescer”. No entanto, acredita na obtenção de tal objectivo.

Marco Queiroga, treinador dos vitorianos, afirmou que este foi “um jogo disputado”, no qual a “experiência foi decisiva para vencer”.

Orabolas!

António Gil Leitão

Opinião

Os Jornalistas

“Os media são capazes de “fazer” ou “destruir” um jogador, um treinador ou uma equipa”

Muito se tem falado das relações incestuosas do poder económico com o poder político e da sua influência nos “media”, e da influência destes no pensamento do comun dos cidadãos.

Não cabe nesta crónica uma dissertação sobre tão apaixonante (e velho) tema. Cabe, apenas, uma pequena reflexão no âmbito do jornalismo desportivo.

Os “media”, em geral, são capazes de “fazer” ou “destruir” um jogador, um treinador ou uma equipa, “moldando” a opinião do “público”, com a persistência de elogios ou críticas.

Um dos casos mais paradigmáticos – mas não o único – nos últimos anos foi o passado com o ex-jogador do Benfica, Thomas.

Primeiro idolatrado, depois enxovalhado, o britânico acabou por ser afastado da equipa e depois despedido, ao sabor e medida do aumento do tom mais “duro” das críticas da imprensa, condenando o jogador pela incapacidade e falta de categoria da equipa lisboeta.

A verdade “futebolística” estaria provavelmente num meio termo: nem o Deus nem o Diabo que a imprensa, por duas vezes, “pintou”. Porque é verdade que uma mentira, dita muitas vezes, se torna, aos olhos de todos, uma verdade.

Também neste âmbito as relações entre “fontes anónimas” (muitas vezes empresários) e jornalistas, é “fonte” de notícias “fantásticas”, com contratações “bombásticas” quer de jogadores e/ou treinadores.

Muitas vezes especula-se, com tom informativo, sobre saídas de treinadores e respectivas substituições. E digo “especula-se com tom informativo” porque na análise dessas notícias resulta não existirem factos concretos que suportem aquelas conclusões.

Ou, outras vezes, para que “a bota bata com a perdigota”, se distorcem factos, se contam meias verdades, ou se omitem factos importantes.

Isto é, para que a conclusão, “tirada” antes da análise dos factos, tenha alguma “substância”, omitem-se aqueles factos que a negam, ou exagera-se outros que a podiam legitimar. Fica a dúvida se esta “análise distorcida” resulta de pouco (ou fraco) trabalho de casa, ou se de uma deliberada e consciente distorção dos factos.

É claro que não se pode, nem deve, “tomar o pinheiro pelo pinhal”, nem deixar de olhar para “o pinheiro sem esquecer o pinhal”.

Mas é legítimo perguntar: quem manda nos jornalistas?

Futsal falha objectivo em Braga

Em casa de um assumido candidato à subida, a Académica perdeu por 3-2, afastando-se dos lugares cimeiros da classificação

João Campos
Diana do Mar

Os "estudantes" chegaram ao Minho depois de duas vitórias consecutivas, uma delas para a Taça de Portugal. Francisco Batista apostou num cinco inicial composto por Gouveia, Zito, André Matos, Pichel e Batalha.

O Sporting de Braga entrou pressionante e fez logo dois remates no primeiro minuto, por Fabrício e Machado, ao que a Académica reagiu, com André Matos a atirar por cima. Adivinhava-se um golo, que chegou logo a seguir para a equipa da casa, por intermédio de Ricardinho.

A reacção da Briosa não se fez esperar. Primeiro Pichel remata para defesa de Tó Mané e, numa jogada de insistência, André Matos restabelece a igualdade. A partir daí, o jogo tornou-se mais disputado, com oportunidades de parte a parte. O Braga levou perigo à baliza académica com remates de Machado e Ricardinho. Os "estudantes" responderam com dois lances de Batalha.

Após o primeiro desconto de tempo, a equipa arsenalista foi para a frente e obrigou a Académica a jogar mais perto da sua área. Nesta fase, a atenção da defesa académica e do guarda-redes Gouveia foram determinantes.

O início da segunda parte surge sem grandes oportunidades. A quebra na monotonia foi dada por André Matos



A Académica chegou a estar em vantagem, mas o Sporting de Braga revelou-se mais forte

com dois remates, um deles ao poste.

Aos quatro minutos, e após uma falta do guarda-redes bracarense sobre André Matos, Batalha coloca a Académica em vantagem. Logo a seguir, os "estudantes" perdem uma soberana oportunidade de elevar a contagem: Batalha, lançado por Pichel, vê o seu remate ser interceptado por um defesa na linha de golo. Na recarga, Zito atira à rede lateral. Como "quem não marca sofre", o Braga volta a empatar logo a seguir, num livre indireto transformado por Fabrício. Este golo coloca o marcador em 2-2.

A equipa visitante reage de imediato, obrigando os bracarenses a recuar e a cometer várias faltas seguidas, devido às várias investidas da Briosa.

No entanto é a formação da casa que chega novamente ao golo. Bife remata de longe e Machado, sem oposição, desvia na cara do guarda-redes. Este tento parece ter desorientado os jogadores da Académica, levando-os mesmo a desperdiçar um livre directo, com Rui Moreira a rematar ao lado. O Braga responde, e Lino atira ao poste da baliza de Gouveia.

A meio da segunda parte, um lance controverso: após um choque entre Batalha e Fabrício, o elemento da equipa bracarense sai lesionado e é substituído. O árbitro assinala falta e mostra o segundo amarelo ao jogador académista.

Com a Académica em inferioridade numérica, o Braga pressionou e Ricar-

dinho criou vários lances de perigo, sendo que um deles levou a bola a embater na barra. A Briosa reagiu às contrariedades, com o capitão Pichel a levar a equipa para a frente e a protagonizar três lances que "assustaram" a equipa da casa.

Perto do fim, e numa jogada de contra-ataque, o guarda-redes da Académica, Gouveia, defende com as mãos fora da área e é expulso. Ainda assim, os "estudantes" foram à procura do empate e Luisinho fez mesmo passar a bola perto das redes bracarenses.

Com este resultado, a Académica perdeu a oportunidade de subir na tabela classificativa e encontra-se agora na oitava posição do campeonato da segunda divisão, série A.

Ténis campeão nacional

Bruno Gonçalves

A secção de ténis da Associação Académica de Coimbra conquistou esta época, pela primeira vez, o Campeonato Nacional de clubes masculinos da I Divisão, sendo que já se havia sagrado tricampeão nacional feminina da I Divisão.

A final da prova, disputada em Vila Real de Santo António, contra o Ginásio Alto do Duque (GAD), sorriu aos "estudantes" por 4-3, sendo que os três pontos do GAD foram conseguidos por desistência da Briosa, pois estando a vencer por 4-0 a vitória já estava garantida.

Esta época, para o dirigente da secção, Eduardo Cabrita, foi "a melhor de sempre", uma vez que conquistaram também os nacionais de equipas e singulares em juniores femininos, o campeonato absoluto de pares e conseguiram também ter uma atleta vice-campeão nacional absoluta, feito inédito também.

O dirigente da secção de ténis considera que as expectativas para a próxima época "são excelentes", pois tendo já esta época obtido tão bons resultados, para a próxima poderão alargar os horizontes no campo da animação desportiva, por exemplo.

Após cinco anos em que a preocupação da Académica se direcionou mais para os resultados desportivos, principalmente por influências "externas", o dirigente considera que se pode agora voltar a repensar o desporto como acham melhor. Sem esquecer a parte competitiva, é objectivo da secção debruçar-se sobre os que não pretendem a parte competitiva do desporto, que consideram ter sido até agora um pouco "esquecidos", apostar que será para cumprir a curto prazo.

Sobre a equipa campeã, composta apenas por espanhóis, Cabrita afirmou que tudo se trata de um reconhecimento da ajuda que estes atletas têm prestado à Académica, e embora os portugueses tenham conquistado importantes classificações, tem que ser posto em marcha um maior trabalho de formação, trabalho que a secção já começou a fazer através de pessoas habilitadas para treino e prospecção de novos valores.

Confrontado com o problema das infra-estruturas desportivas, Eduardo Cabrita afirma não poder estar contente "quando ainda não está solucionado o problema dos treinos no Inverno". Embora esteja a ser feito um esforço para resolver este problema, "é complicado treinar à chuva", salienta o dirigente, que agradece os esforços da direcção, do Estadio Universitário e da Reitoria e as facilidades que têm dado à secção em termos da utilização do espaço, embora este tenha sido optimizado muitas vezes pelos amantes da modalidade.

Basquetebol perde fora de portas

Os "estudantes" saíram derrotados por 90-85. O pensamento está agora no jogo de amanhã frente ao Sampaense, a contar para a Taça de Portugal

Bruno Vicente

A sétima jornada do Campeonato da Proliga implicou que a secção de basquetebol se deslocasse a Vila Pouca de Aguiar, onde os "estudantes" não conseguiram trazer para casa os dois pontos correspondentes à vitória.

O encontro colocou frente a frente duas equipas situadas na metade inferior da tabela e, portanto, a necessita-

rem de pontos. Os "estudantes" apresentaram-se com diversas lacunas no plantel devido a lesões e ao castigo de Dwight Anglade.

A equipa de Coimbra entrou bem no jogo, tomando a dianteira no marcador. Apesar do equilíbrio verificado, esteve quase sempre na frente ao longo da partida. A Briosa levou essa vantagem para o intervalo, onde ganhava por 47-49.

Na segunda metade a tendência do jogo manteve-se, com o placard a avançar taco a taco. Assim, nos momentos finais os "estudantes" lideravam por 74-76, mas uma perda de bola académica deu o empate à equipa de Vila Pouca de Aguiar que, deste modo, levou o encontro para prolongamento.

No tempo complementar os estudantes acusaram o cansaço causado

pelo curto plantel disponível e cederam a vantagem à equipa da casa, que viria a vencer por 90-85. Nesta altura a arbitragem esteve em destaque, com diversas decisões polémicas em lances cruciais, e com o banco académista a tecer duras críticas ao trabalho desenvolvido pela equipa de arbitragem.

Após o encontro, João Jaime Moutinho, treinador dos "estudantes", elogiou a "atitude demonstrada pela Académica". No que diz respeito ao prolongamento, clarifica que "a arbitragem já tinha demonstrado que, em caso de dúvida, nos prejudicaria, o que fez com que a equipa adversária tivesse outra atitude e conseguisse ganhar o jogo".

Com este resultado a Académica desce à 11ª posição, com três vitórias e quatro derrotas, sendo que cinco dos sete jogos já disputados ocorreram fo-

ra de portas. No próximo fim-de-semana o campeonato da Proliga pára, regressando no dia 28 com os "estudantes" a defrontarem, em casa, a Física de Torres Vedras, actual líder da prova.

Entretanto amanhã, há jogo a contar para a Taça de Portugal, em São Paio de Gramas, num derby onde os estudantes defrontarão o Sampaense, actual campeão da Proliga. Em relação aos objectivos da Académica para esta edição da Taça de Portugal, o técnico João Jaime Moutinho adianta que "os objectivos eram grandes, mas o Sampaense é difícil de ganhar, nomeadamente no seu campo". Confiante, o técnico afirma que "apesar da lesão de Dwight Anglade e da ausência de Hugo Loureiro devido a motivos profissionais, a ambição de ganhar mantém-se".



**CASTELLO LOPES
CINEMAS**

C.C. Girassolim
Coimbra

A PROJECTAR EMOÇÕES. DESDE SEMPRE.
Peça já o seu cartão cliente nas nossas bilheteiras e descubra as vantagens

Próximas estreias:
DIA 18/11 - BRIDGET JONES 2

Realizado por BEEBAN KIDRON
Com: RENEÉ ZELLWEGER, HUGH GRANT, COLIN FIRTH

25/11 - THE INCREDIBLES

Realizado por BRAD BIRD
Vozes: HOLLY HUNTER, SAMUEL L. JACKSON, JASON LEE

Encontros de Teatro Universitário em Coimbra: VI Acto

De 22 a 28 de Novembro decorre mais uma edição do projecto acTUs

É já na próxima segunda-feira que tem início o acTUs #6, uma co-produção do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) e do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC)

Carina Fonseca
Ana Oliveira
Marta Poiares

Após o êxito da última edição, realizada no ano passado, o acTUs regressa, novamente fruto da colaboração entre o TEUC e o CITAC. Esta iniciativa vem pôr de parte a ideia de que existe rivalidade entre estes dois organismos autónomos. Sílvia das Fadas, presidente do CITAC, considera ultrapassada a velha distinção relativamente ao tipo de teatro que os dois grupos fazem: "As fronteiras diluíram-se, já não faz sentido falar das coisas assim".

Com efeito, o acTUs #6, que promove encontros de teatro universitário, distribuir-se-á pelo Teatro Académico de Gil Vicente, Teatro-Estúdio do CITAC e Teatro de Bolso do TEUC.

Quanto à possibilidade de levar o acTUs a outros locais, Ana Beirão, membro do TEUC, diz-nos que "é um encontro de teatro universitário em Coimbra, assim como há outros no país. Este é o de Coimbra, ou seja, é trazer a Coimbra grupos do país e, talvez um dia, do estrangeiro, para que Coimbra, estudantes e nós próprios possamos conviver com eles".

De facto, um dos objectivos des-

Outros acTUs

Anteriormente, o acTUs incluía projectos alternativos, nomeadamente teatro de rua, projeção de vídeo, sessões de dança e poesia, entre outros. No entanto, a edição deste ano, por falta de patrocínios, não será tão diversificada. "Há que confessar que este ano tivemos alguma dificuldade. Estamos seriamente a pensar tornar o acTUs bi-anual para preparar as coisas com tempo, para formar uma equipa séria, concentrada, onde cada um tenha a sua função. Para que a coisa seja feita com mais tempo, mais preparada e possibilite darmos mais coisas ao público do que este ano iremos dar", finaliza Ana Beirão.



"Olhos Desfiados", pelo Grupo de Teatro do Instituto Superior Técnico, é um dos espectáculos do acTUs #6

te projecto é precisamente dar a conhecer o trabalho concretizado pelos grupos participantes das diversas zonas do país, de modo a que se tornem espectadores uns dos outros. No que se refere aos grupos anfitriões, apenas o TEUC levará a cena uma peça, denominada "O Teatro Ambulante Chopalovich" (adaptação de um texto de Lioubo米尔 Simovitch).

Por seu turno, o CITAC, visto ter as suas atenções concentradas sobre o Curso de Iniciação Teatral 2004/2005, não irá apresentar nenhum trabalho.

O primeiro espectáculo deste acTUs, a ter lugar já na próxima segunda-feira no TAGV, pelas 21h30, intitula-se "Olhos Desfiados" e é da autoria do Grupo de Teatro do Instituto Superior Técnico de Lisboa. No dia seguinte, é a vez do Xis'Acto (da Faculdade de Psicologia do Porto) mostrar que "A Terra Não é Redonda", pela mesma hora, desta feita no Teatro-Estúdio do CITAC.

Já a Associação de Teatro e Outras Artes do Distrito de Castelo

Branco convida a uma conversa, no foyer do TAGV, às 21h30, subordinada ao tema "Teatro Virtual - Arte na Informação".

No dia 25, o Grupo de Teatro Miguel Torga leva ao palco principal do Gil Vicente o espectáculo "Nu com o Violino", com início marcado também para as 21h30. Mais tarde, no Teatro-Estúdio do CITAC, "A Sério que Somos Felizes" será apresentado pelo TIC-TAC, o grupo de Teatro da Faculdade de Tecnologias do Porto. Já no dia 26, o TAGV recebe "2x1=≠", igualmente às 21h30, enquanto que para o dia 27 estão reservadas duas peças: "Alice no País das Maravilhas" do Sin-Cera e "O Teatro Ambulante de Chopalovich", uma peça em estaleiro, da responsabilidade do TEUC.

O encerramento do acTUs #6, agendado para o dia 28, está a cargo do Grupo de Teatro da Universidade Lusíada de Lisboa, com "Casado à Força" - a ter lugar no Teatro-Estúdio do CITAC, pelas 18h00, bem como do Cénico de Direito, que nos fala de "Coisas de

Mulher", às 21h30, no TAGV.

Definir qualidade

Ambos os organizadores do acTUs - TEUC e CITAC - revelam preocupação em proporcionar ao público um conjunto de espectáculos e iniciativas de qualidade. Quando questionados acerca deste conceito, alguns elementos da produção do evento, são bastante claros: "Eu acho que qualidade tem sobretudo a ver com profissionalismo. Acho que é muito importante, ainda que o trabalho final não seja um grande espectáculo, que se note que os actores trabalharam para isso. Então, aí está a qualidade", diz Sílvia das Fadas.

Já Ana Beirão coloca a tónica noutra questão: "Como em todos os festivais, há coisas de que uns gostam mais e outros gostam menos... mas a própria opinião pessoal varia muito. E é sempre bom que em cada espectáculo haja pessoas que não gostem e pessoas que gostem. Se houver toda a gente a dizer que não gosta ou toda a gente a dizer que gosta, é porque alguma coi-

sa está errada".

Teatro Universitário - que futuro?

Nota-se uma crescente adesão dos estudantes de Coimbra ao teatro? A resposta é imediata e consensual: "Não..." Talvez porque, como aponta Francisco Frazão, do TEUC, "o teatro requer tempo". Com efeito, há cada vez menos pessoas a entrar quer para o TEUC quer para o CITAC. Ana Beirão dá-nos uma perspectiva mais ampla: "Eu acho que há cada vez menos gente em fazer seja o que for na academia. Há pessoas que chegam cá, estão só interessadas em acabar o curso, e não aproveitam aquilo que esta academia pode oferecer".

Tanto o TEUC como o CITAC procuram facultar às pessoas o acesso a uma diversidade de workshops dirigidos por formadores profissionais. Ana Beirão sublinha: "Nós não somos [teatro] amador nem somos profissional, estamos entre os dois". Sílvia das Fadas faz cair o pano: "Não estamos a brincar aos teatrinhos."

“Sem mau gosto a vida não tem gosto nenhum”

FRANCISCA MOREIRA

Rui Zink acredita que os estudantes devem andar confiantes nos seus direitos

“Qualquer dia temos que protestar para termos direito ao desemprego”, “ser radical não implica ser malcriado, geralmente implica o contrário” são algumas das ideias fortes da entrevista com Rui Zink. Polémico, do princípio ao fim

**Francisca Moreira
Tiago Pimentel**

Em Coimbra a propósito da apresentação da "Novíssima cartilha ilustrada", Rui Zink falou com A CABRA sobre a língua portuguesa, a sociedade e a classe política nacional. A sua preocupação ficou patente numa conversa que decorreu em tom sempre descontraído.

Como surgiu a hipótese de vir a Coimbra apresentar a “Novíssima cartilha ilustrada”?

Foi muito engraçado. Aceitei “às escuras”. Os autores enviaram-me um e-mail, há dois ou três meses, e disseram-me: “Você não nos conhece, nós não o conhecemos, nós vamos fazer uma coisa um bocado satírica que achamos que o podia divertir e gostávamos muito que a viesse apresentar a Coimbra”. Eu estava em Franca, no meu “chalet” na Provença,

como todos os escritores têm, e a minha primeira reacção foi: "Estes gajos estão doidos, vou perder tempo, vou chegar a Novembro e ter montes de coisas para fazer, estão doidos". Depois,achei que a aproximação foi muito simpática e lembrei-me que quando era um ilustre desconhecido, sabendo que estava a pedir uma borla, fazia uma aproximação delicada. Ser radical não implica ser malcriado, geralmente implica o contrário. Ser burguês é que implica ser malcriado. Malcriado para a criada, e bem-criado para o doutor. E pronto, aceitei "às escuras".

A "Novíssima cartilha ilustrada" poderá de certo modo, se calhar ironicamente até, reflectir alguma preocupação com a língua portuguesa?

Esta cartilha faz o mais básico dos jogos com letras. Põe palavras juntas, que têm a mesma letra, num jogo muito infantil. A cartilha original era para crianças muito pequenas, embora fosse inadequada. Mas “de pequenino se torce a ratura portuguesa comigo, e nasceu com du tempo, foi ficando culpa do poder religar literatura portuguesa tiver textos como e

“A universidade serve para os estudantes aprenderem a ser livres”

cartilha ilustrada" não estará também implícita alguma inquietação quanto à realidade política e social portuguesa?

Sim, nesse caso cada leitor vê o que quer. A introdução do Augusto Monteiro é muito interessante porque chama a atenção para o paradoxo da car-

... para o paralelo da sua

tilha de há sessenta anos, que prometia ser realista e simples, mas era complicada. Tinha frases que não faziam sentido nem na cartilha nem para as crianças, pisava-as com uma língua perigosa que as assustava. Havia uma cartilha cuja função, dizia-se, era ensinar as crianças mas, na verdade, era “capá-las”. E há esta cartilha, do prazer da língua, o que para mim é essencial. Não é circunstancial no sentido em que no “s” não está lá Santana. Isso seria um empobrecimento, porque ficaria dependente do referente externo. Mas por exemplo na parte do “m”, em que o indivíduo diz que “a fome é negra mas é nossa”, eu penso que temos aí um belíssimo achado porque fala sobre os nossos tempos. Qualquer dia temos que protestar para termos direito ao desemprego. E aí já não me parece uma expressão circunstancial. Não está a dizer “houve professores mal colocados”, ou “há pessoas desempregadas”. Está a conseguir aquele efeito “bomba de neutrões” que a boa literatura consegue. Uma frase assassina que de repente ganha uma amplitude e um sentido porque é do seu tempo e obviamente do seu espaço, mas que também os transcende. Eu acho que “a fome é negra mas é nossa” é de um grande humor negro, e tomem nota das palavras da cartilha, tal como eu as entendo. Qualquer dia estamos a pedir autorização para nos manifestarmos pelo direito ao desemprego.

“A expressão mais salazarenta que há em Portugal é ‘pisar o risco’”

Como viu os acontecimentos recentes em Coimbra, em que a polícia e os estudantes se envolveram em confrontos?

Eu vi as imagens e entendo que foram confrontos entre duas vítimas manipuladas. Eu tenho uma simpatia enorme pelos polícias, é da idade, e acho que a polícia não tem culpa. Por outro lado, os estudantes têm a terrível “culpa” de não terem vinte anos no famoso Maio de 68. O que para mim é caricato é haver filhos da mãe que no Maio de 68 estavam encolhidos em casa com medo, agora dize-

“Somos vítimas de uma ditadura de mentalidades que ainda acontece na nossa cabeça”

também aqueles que têm uma certa piada humana. Acho muita piada humana ao Santana, ao Valentim Loureiro e ao Alberto João Jardim. Se eu quiser beber uns copos, escolho-os de certeza a eles e não ao sacrista do Francisco Louçã, ao Mota Amaral ou ao Sócrates. Sinceramente, tenho a impressão de que ao fim de meia hora a beber um copo com o Francisco Louçã, o Sócrates e o Mota Amaral, estava a dar um tiro nos miolos ou estava...

Para saber como acaba esta história (será que acaba?), leia a entrevista na íntegra em **acabranet**.

A existência humana em duas peças

Trigo Limpo teatro
Acert denuncia no palco do Teatro Académico de Gil Vicente a fragilidade da condição humana, expondo ironicamente os podres de uma sociedade metamorfoseada

Paula Costa
 Carla Moura

Hoje e amanhã, o Trigo Limpo teatro ACERT pisa o palco do teatro académico com a estreia de "Olá Classe Média" e volta quinta e sexta-feira para apresentar "Pela Boca, Morre o Peixe".

Ambas as peças abordam um conteúdo vasto e rico. No entanto, diferem na forma, mantendo uma mensagem ímpar da realidade que nos distingue, através do nosso bilhete de identidade. O que está implicitamente focado é a visão de duas realidades diferentes. No fundo, a luta pela sobrevivência.

"Olá Classe Média" representa uma autocrítica sobre a televisão e a existência humana. A peça foca sobretudo a exposição a uma informação saturada, imprópria para consumo, que só os ruminantes têm a faculdade de dirigir sem questionar. Mas cabe ao actor resistir com harmonia, capacitando-se de que consegue argumentar, que tem essa aptidão: "Eu não vou aceitar, assim, sem reagir. Eu não aceito não senhor. Eu não me entrego. Eu vou-me defender", dizem os responsáveis pela peça.

Não o conseguindo, a personagem acaba por ser um automóvel que reproduz sem pensar ou duvidar aquilo que lhe dão, nomeadamente, "a mediocridade, a pena de morte, o sexo, a religião, os Estados Unidos da América, a divisão entre a extrema-direita e esquerda,



Fragilidade do Homem retratada hoje e amanhã no TAGV pelo Trigo Limpo teatro Acert

o nazismo, o terrorismo, a guerra", entre outros. Miguel Torre e Pompeu José incutiram na peça a história da memória e do poder, através da utilização de efeitos sonoros e imagens de vídeo.

Já em, "Pela Boca Morre o Peixe", estamos diante de um barco naufragado que se assemelha a uma espinha de peixe. Os três naufragos encontram-se famintos, pois perderam tudo o que tinham. São confrontados com uma situação caricata, pois têm que escolher o que vão comer, ou quem eles vão escolher para suprir as suas necessidades. Para exercer o seu poder de escolha fazem campanhas e discursos eloquentes, até que um deles com um acto altruísta se voluntaria. Toda-via, quando chega o seu derradeiro momento, olha para os companheiros e questiona-se: "Se os tubarões fossem homens seriam mais amigos dos peixinhos?" Um comentário que faz com que os seus compa-

nheiros ainda reiterem a sua posição, de uma forma marcadamente irónica. A mensagem que toda a peça contém advém dos excertos do "Sermão de Santo António aos Peixes", do Padre António Vieira, que incidem sobre a existência humana.

O paralelismo entre estas duas realidades, tem como objectivo captar a atenção e fazer pensar o espectador. O espectáculo conta com a presença de Pompeu José que, simultaneamente, tem a seu cargo a dramaturgia e a encenação.

A história do teatro Acert

O Trigo Limpo teatro Acert iniciou as suas actividades em 1976, na região de Tondela. No período compreendido entre 1976-78 actuaram sem espaço próprio. No entanto, em 1979 passaram a dispor de um espaço de preparação e apresentação dos espectáculos. O grupo profissionaliza-se em 1989. Em 1993 é-lhe concedido um subsídio anual, que vem contribuir para um maior impulsionamento da sua actividade de itinerância, bem como, para o desenvolvimento de acções de formação, animação e construção de espaços dinâmicos. Apostou-se num alargamento da implantação comunitária, reforçando assim o crescimento artístico da companhia.

Ao longo da sua existência, o Acert decidiu construir e desenvolver uma acção teatral, numa zona do interior de Portugal. E apesar de todos os condicionalismos, o grupo mantém-se em actividade, graças a um esforço colectivo.

Ler com som na biblioteca municipal

A Cooperativa Bonifrates leva até à sala de leitura da Biblioteca Municipal de Coimbra, a interpretação em voz alta de textos que visam proporcionar um intervalo de diálogo sobre livros e palavras, nas leituras solitárias dos utentes da biblioteca

Andreia Marques
 Luís Silva

Um espaço numa biblioteca, que se pressupõe ser de recolhimento e

de leitura. Dois ou três actores. É este o cenário de "Na casa das palavras", o novo projecto que a Bonifrates vai iniciar.

Este novo designio consiste em dar a conhecer, através da leitura em voz alta, textos de proveniência e géneros diversos, desde as lengangas e travas línguas, passando pela poesia, pelo conto ou pelo texto dramático.

O propósito deste novo trabalho da companhia é, por um lado, o prazer do momento e, por outro, suscitar através desse prazer a curiosidade por determinados textos e por determinados livros. "Pretendemos criar uma espécie de intervalos em que as pessoas em vez de estarem ocupadas nas suas tarefas de leitura, de trabalho ou de estudo, tiram dez ou quinze minutos para ouvir outros a ler textos", explica João

Paulo Janicas, responsável da companhia. "São textos que divertem as pessoas e que as podem ajudar a conhecer determinados autores ou determinados livros que não conheciam", explica.

Um deles, "Contos do Gin - Tónico", de Mário Henrique Leiria, começa com a "entrada em cena" de dois actores, vestidos de uma determinada forma, com uma garrafa de gin e um copo de gelo. A sala de leitura passa a ser o palco de uma conversa um pouco surreal para o local. "Algo de insólito que pode vir a ser um foco de interesse para as pessoas", diz João Paulo Janicas.

Desta forma, a Cooperativa Bonifrates convida os presentes a partilhar, durante breves minutos, pequenas histórias populares com humor, que se enquadram bem no contexto do intervalo. As histórias

são curtas, para que as pessoas não interpretam mal esta nova forma de abordagem. "Há um misto de surpresa (e é esse factor que queremos cultivar), mas também de agrado. Não tivemos ainda reacções de desagrado por estar ali a chatear, porque temos o cuidado de não exceder um determinado tempo", refere João Paulo Janicas.

Na série que vai até Dezembro, há dois tipos de sessões de leituras. As "Coisas de Jograis" e algumas pequenas histórias de autores pouco conhecidos, como Mário Henrique Leiria ou Franco Paulo Kellerman.

As sessões tiveram o seu início a 6 de Novembro, com "Coisas de Jograis" e terminam a 18 de Dezembro, com "Para acabar de vez com o espírito natalício", um conjunto de textos de vários autores.

Em palco...
 Carina Valério Opinião

Violadora do bem-estar

"Valéncia Princesa do Mundo"

Texto: Zenel Laci

Encenação: José Geraldo

Interpretação: Helena Faria

Sax e Cena: Hugo Gama

Teatro do Inatel

Segundas, terças e

quartas, pelas 22h

Até final de Novembro

O que fazer quando não gostamos do trabalho dos outros mas não queremos deixar de o respeitar? Dizer o que pensamos, o que sentimos, ou como acontece neste caso, vermos-nos obrigados a tentar explicar aquilo que não conseguimos sentir; algo que não nos disse nada.

"Valéncia Princesa do Mundo" não conseguiu despertar em mim qualquer tipo de entusiasmo. Ou melhor, nem entusiasmo nem nada. Muito pelo contrário, o que deixa antever que não gostei de facto da peça. Uma peça que vive durante cerca de uma hora e meia de um monólogo interpretado de corpo e alma (justiça lhe seja feita!) por parte da actriz Helena Faria. Salva-se na peça a entrega desta actriz com um texto em mãos que não a deixa brilhar. A expressão: "Um texto ameaçador, provocante, violador do nosso bem-estar" não poderia ser melhor para descrever o que acontece em palco. Um texto feito de retratos de uma vida, de instantes passados, que não obedece a uma lógica sequencial de causa/efeito. Valéncia, a personagem principal, divide-se em múltiplas personagens que acabam por formar um puzzle. Num ápice assistimos a múltiplas transformações desta mulher que passa de cozinheira a prostituta, de mulher explorada a contadora de histórias. Porém, a faceta que mais se evidencia na peça é a de Valéncia como "mulher da vida". Num texto pobre, duro, frontal, numa abordagem demasiado simplista e que pouco vem acrescentar ao que já foi feito em relação a este tema, procura-se pintar o dia-a-dia ou melhor o "noite-a-noite" desta mulher. O tipo de homens que vão ao encontro dos seus serviços são caracterizados no que diz respeito às suas profissões e aos escalões etários a que pertencem. Os seus comportamentos (comportamentos esses que algumas no desenrolar da peça chegam a tocar a repugnância), conseguem, ao mesmo tempo, arrancar sorrisos a uma parte do público e a outros tantos não causa mais do que estupefacção. Eu faço parte do grupo dos outros tantos.

Na memória ficam os aplausos entusiastas dos que gostaram da peça e os sorrisos de Helena Faria e Hugo Gama (sax e cena) a par de um semblante de dever cumprido. Que não se meça a importância de algo, neste caso de uma peça de teatro, pelo maior ou menor número de pessoas que cativou. Acreditamos que se um trabalho tocou nem que seja uma só pessoa terá valido a pena. Essa pessoa não fui eu.

Vê-se...



Quando a Europa se envergonhava

Quase dez anos depois de "Underground", Kusturica, sérvio nascido na Bósnia, voltou aos temas políticos e, mais especificamente, à guerra da Jugoslávia com este "A Vida é um Milagre". É explícito o modo como o realizador decide afirmar esse regresso (recupera o actor Slavko Stimac para protagonista, já figura-chave em "Underground" e "Lembras-te de Dolly Bell") e polémico o modo como o conseguiu: no último festival de Cannes, onde o filme esteve nomeado para a Palma de Ouro, Kusturica foi acusado de revisionismo, ele que, no passado, teve problemas exactamente com o campo contrário dos ultranacionalistas sérvios.

Não se visa aqui uma defesa política de Kusturica, mas a verdade é que pouco me importa se o homem se centra nos sérvios, nos muçulmanos ou nos conchincheses. Kusturica, como qualquer outro, fala do que sabe, e ele, que cresceu

em Sarajevo, sabe, com certeza, sobre a angústia do sérvio que vê a guerra romper na Bósnia, tal como sabe sobre o desmantelamento do que até aí era a sua pátria multicultural, independentemente de ela ser uma nação artificial forjada na Segunda Guerra Mundial e por Tito. E esta a guerra que o realizador conheceu e é dela que ele fala. Mas "A Vida é um Milagre" é, essencialmente, uma história de amor.

Enfim, é injusto acusar Kusturica de se copiar a si mesmo e de estar sem temas, como aconteceu. "A Vida é um Milagre" é um filme pessosoíssimo, é notório, e por vezes isso poderá afectar o julgamento. Simultaneamente, perde-se a alegoria e o realismo mágico de "Underground" para passarmos à guerra pela visão específica, mais directa, de uma personagem única. Mas a imaginação do sérvio não está gasta, muito pelo contrário. "A Vida é um Milagre" é ainda sonho, é ainda magia. E o resto são explorações. **Jorge Vaz Nande**

Navega-se...

Imagens estranhas

De certeza que todos nós já recebemos uma mensagem de correio electrónico com imagens bizarras. Agora já não precisamos de esperar que o nosso amigo/conhecido nos encha a caixa de correio electrónico com mais imagens desse tipo, podemos ir directamente a um arquivo dessas imagens na Internet. O Weird Picture Archive está dividido em secções que variam entre os extraterrestres e ilusões de óptica. Depois, para quem tiver paciência, há também um fórum para discussão dos conteúdos das imagens.

<http://www.weirdpicturearchive.com>

Músicas perdidas

Os músicos sempre gostaram de surpreender os seus ouvintes com inovações e surpresas nas suas edições, e desde o aparecimento do CD que tiveram oportunidades de colocar faixas escondidas tanto no fim como no princípio dos CD. Para sabermos que faixas andam perdidas nas nossas colecções podemos consultar o arquivo das músicas escondidas (The Hidden Song Archive). A organização dos arquivos está por ordem alfabética do nome do artista. Há possibilidade de saltarmos logo para uma das letras ou de fazermos uma pesquisa por nome da música, artista ou até mesmo o nome da edição. Sabiam que os Scorpions têm uma música chamada "His Latest Flame" no CD "Face the Heat"? Eu não, mas também não é uma coisa que me preocupe... Também podemos contribuir para o crescimento deste arquivo, para isto basta mandarmos informações que eles ainda não tenham na base de dados, como por exemplo a faixa 0 cantada pelo Nick Cave no "Songs in the Key of X"... Vou ter de corrigir esta falha, só preciso de descobrir o nome da música.

<http://www.hiddensongs.com>

O mundo em mudança

Este blog sobre como construir um mundo melhor é feito por um grupo de pessoas espalhadas pelo mundo. O objectivo deste grupo é bastante simples, apenas querem dar a conhecer as ferramentas, modelos e ideias que vão surgindo pelo mundo fora. A ideia é apresentar as informações necessárias para os leitores fazerem eles próprios a crítica à informação apresenta-

Kusturica, o milagreiro

Nos tempos correm, é quase um milagre sair de uma sala de cinema com um sorriso de satisfação no rosto, algumas recordações felizes e uma pequena "tune" para associar até chegar a casa. E, no fundo, pode pedir-se muito mais a um bom filme?

Expectativas. Quem já conhece Emir Kusturica, realizador de, entre outros, "Underground" e "Gato Preto, Gato Branco", já sabe o que pode encontrar em "A vida é um Milagre". O realizador sérvio não compromete os seus fãs e apresenta-se igual a si mesmo. Traça-se o retrato de um povo animalesco, praticamente esquizofrénico e que Kusturica compara a crianças inseguas que brincam às guerras (não somos todos?). Também um burro parece ser a figura com mais dignidade e cães e gatos esquecem divergências naturais... Para quem não acompanhou o percurso do realizador, "A vida é um Milagre" é uma bela oportunidade para conhecer o universo criativo de Kusturica.

cer o universo criativo de Kusturica.

O resto (a história propriamente dita) está muito próximo de um amor impossível. Digo "o resto" porque, enquanto nos deliciamos com os pormenores de loucura do filme, "o resto" tem pouca importância.

No meio de uma "guerra de alguém", que nos é explicada pela tv que tudo vê, o sérvio Luka (Slavko Stimac) apaixona-se pela sua prisioneira muçulmana, Sabaha (Natalia Solak). Daqui nasce um amor que vai contra a família de Luka, contra a religião, contra a guerra.

Kusturica deveria ter sido mais explícito? Mensagem política? A resposta é-me indiferente. Não me parece que alguém tenha o direito de exigir o que quer seja a um profissional com a qualidade de Kusturica. Não temos o direito de condicionar a liberdade criativa de um homem que já deixou um estilo marcado no cinema internacional.

Rui Pestana

A vida é um milagre / Emir Kusturica

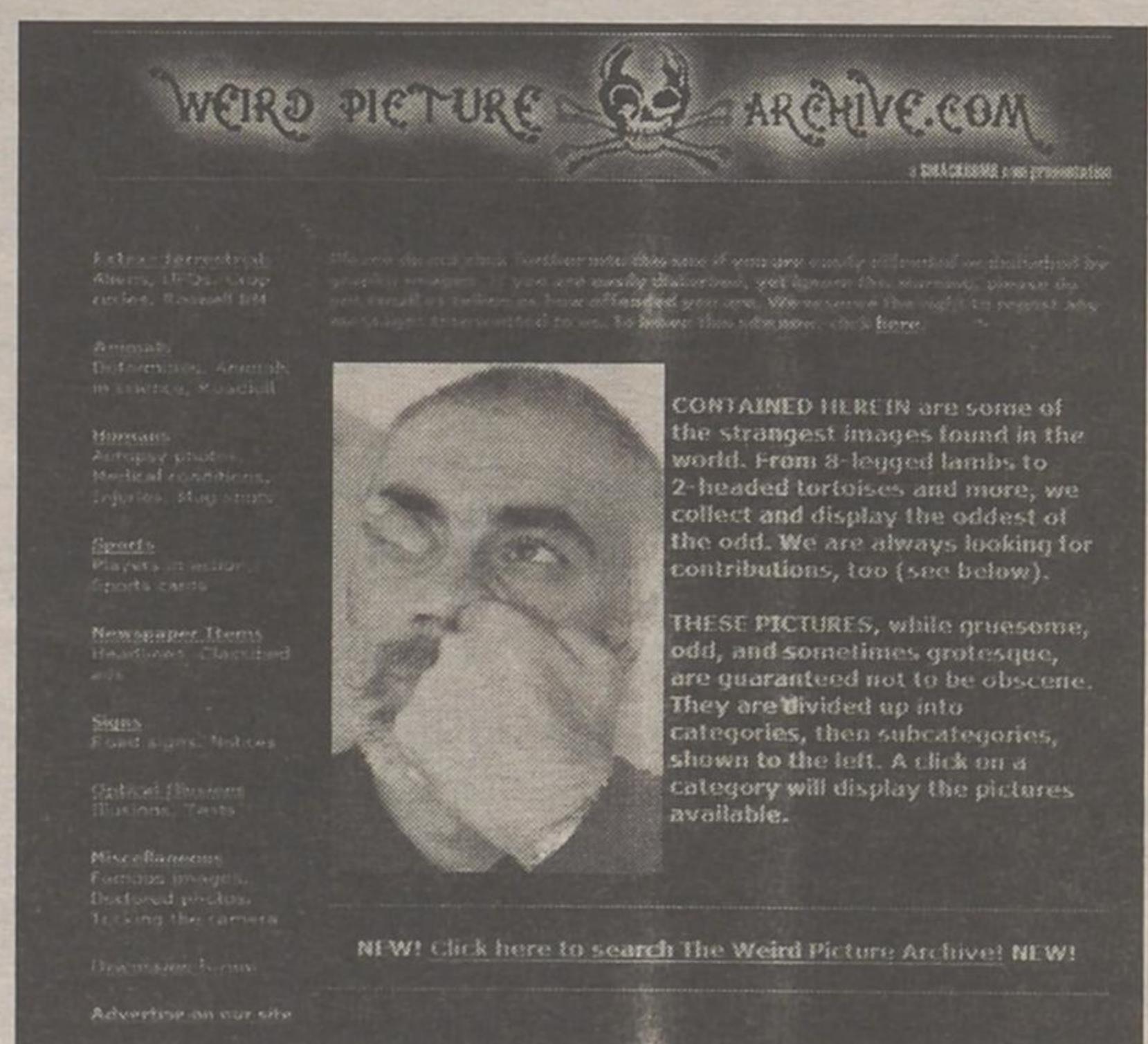
Gustavo Sampaio	Uma nova visão da mesma história que Emir Kusturica tem vindo a contar em cada um dos seus filmes	
Jorge Vaz Nande	Kusturica revisita a guerra, o público revisita Kusturica	
Rui Pestana	Uma bela oportunidade para conhecer o universo criativo de Kusturica	
Tiago Almeida	A nova obra de Kusturica não entusiasma, mas mantém o cunho e a mestria de um cineasta-referência	
A evitar		Fraco
		Podia ser pior
		Vale o bilhete
A Cabra aconselha		A Cabra d'Ouro
Todas as críticas em acabrab.net .		

<http://www.acabrab.net>

Imagens bizarras

"The Weird Picture Archive"

www.weirdpicturearchive.com



da. Temos a notícia tirada da revista Mondo 2000 sobre tecidos computorizados, artigos sobre a revolução que os transportes necessitam, o jornalista multimédia em tempo de guerra e o fim das zonas suburbanas nos EUA. Cada uma das entradas do blog faz ligação a um ou mais textos no próprio blog ou algures na Internet.

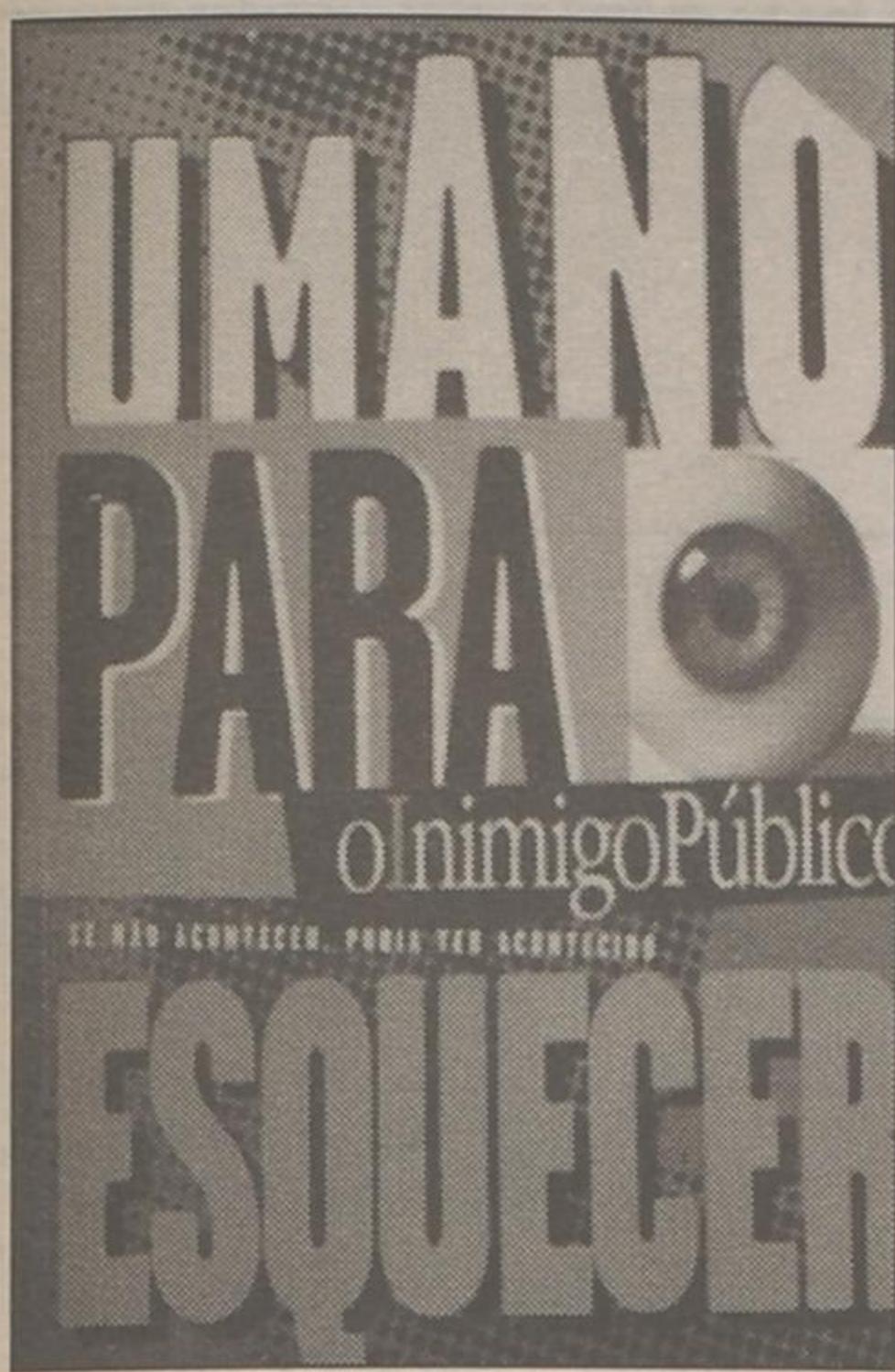
<http://www.worldchanging.com>

Cabra

Neste caso não estou a falar de nenhum sino, mas sim do termo inglês "bitch". Bitch é uma revista feminista dedicada à cultura pop, mas de um ponto de vista próprio. Críticas de TV, cinema, música, outras revistas e publicidade, entre outras coisas é o que se pode encontrar nas páginas da revista ou no sítio da revista na Internet. No sítio temos acesso aos artigos até ao número anterior e também há um blog escrito por vários membros que compõem a revista.

<http://www.bitchmagazine.com>

Lê-se...



Projecto Inimigo Públíco

“Um Ano para Esquecer”

Ed. Públíco, 2004

6/10

Ouve-se...



Pluto

“Bom dia”

Polydor/Universal, 2004

8/10

O Inimigo Amigo

Todas as comunidades humanas têm mecanismos de defesa perante a impotência de agir na adversidade, desde o fanatismo religioso ao futebolístico, passando pelo humor. O humor sempre foi e será um veículo de crítica do sistema, transcendendo as regras e limites impostos por aquilo que é denominado de bom-senso. Mas há vários tipos de humor, ou melhor, há uma diferença abissal entre a piada e o humor: a piada é muitas vezes pateta, o humor é patético no sentido estrito do termo. E se é fácil fazer e ter piada, ter ou fazer humor é uma arte e, como todas as artes, assenta numa visão inteligente e acutilante do mundo e tem como função a inteligibilidade desse mesmo mundo.

O Projecto “Inimigo Públíco” nasce da necessidade de remar contra a maré da apatia geral que vamos assistindo na sociedade portuguesa perante os acontecimentos políticos e sociais. Ainda que não apresente, como necessitamos e gostaríamos, um projecto de mudança, “O Inimigo Públíco” cumpre a tarefa de verdadeira crítica, pelo humor, de trazer ao público uma desmistificação da política, que julgamos sempre tão distante de nós. Obrigando-nos, pois, não só a uma maior cultura da/na cidadania, mas também a um olhar mais atento ao que se passa à nossa volta.

“Um ano para esquecer” é uma compilação de alguns textos do suplemento “O Inimigo Públíco”, do jornal “Públíco”, que em Setembro aniversariou o seu primeiro ano de existência e sucesso. Todos os números estão aqui, existindo uma seleção de secções para cada número, dando uma visão geral dos acontecimentos mais mediáticos, por semana. São, sobretudo, os temas políticos que animam esta compilação, ainda que se sinta um esforço para a diversificação de áreas, como sejam a cultura e a religião. Não obstante, porém, é na política e nos políticos da nossa praça que os autores se inspiram, sendo as figuras mais carismáticas as mais passíveis de humor, às quais recorrem amiúde. Entre os vários autores das secções e notícias que assinam este projecto, encontramos Rui Zink, José de Pina e Nuno Markl, que dispensam apresentações. O epírito, slogan em subtítulo do projecto, “se não aconteceu, podia ter acontecido”, resume todo o objectivo desta publicação, o que não nos deixa tranquilos, traduzindo a nossa incredulidade e apatia perante os desígnios do país, mas também a arbitrariedade do mundo. Ainda que grande parte do humor necessite de um “update” constante, do autor e do leitor, sobretudo quando existe um carácter mediático dos temas abordados, esta compilação é de ler e guardar: seja para rir, seja para chorar. Andreia Ferreira

Para além do hype

Ditou alguém que “o fim da Canção” dos Ornatos Violeta (OV) cedo fosse pintado. A um canto recôndito do cérebro, subsiste a imagem de um passado discográfico curto mas imenso (esquecer “Cão” e “O Monstro Precisa de Amigos” deveria ser crime).

Que descanse agora a Canção dos OV porque, desenterradas as cinzas, há vida nova a despontar. É um rebento, em forma de saudade matinal, rasgando as paredes uterinas de uma entidade idealizada por dois ex-OV, Manuel Cruz e Peixe, e dois amigos, Eduardo e Ruka.

Legítimo é que esta criatura – com nome de planeta ou de cão – assuma alguns trejeitos conhecidos à ascendência, ou não tivesse parte do novo corpo integrado um outro de personalidade acentuada. O esqueleto tem manchas de passado rock. Nas veias, nessas, cruzam-se duas gerações de sangue. A face, todavia, mergulhada em perfume fresco, faz-se de uma pelugem precoce. Barba rija, dirá alguém.

“Bom Dia” apresenta-se como um compêndio onde as palavras são tão instrumento quanto as guitarras (mais omnipresentes do que nos OV) na busca de uma musicalidade ímpar, simples à superfície mas repleta de pormenores.

Pistas: a boa disposição em fórmula surf-rock “Sexo Mono” (“mas com a mulher não sei o que vou fazer”) ou em “O 2 Vem Sempre Depois”; a intensidade psicadélica, arrastada em “Convite” (as “Notícias de Fundo” deste tomo) e violenta em “Entre Nós” (alô Radiohead!); os orgasmos de guitarra “strokeana” em “Só Mais Um Co-meço”; ou as “imagens sonhadas” ao piano em “Algo Teu”.

Entre um cão do passado (resquícios de funk, rock épico, melodia pop e inquietude em versos) e um planeta menos imediato (o psicadelismo, o surf, o indie rock e os blues eram menos óbvios nos OV), a proposta dos Pluto só pode ser coisa boa para os ouvidos. Um “bom dia” que não nos importaremos de ouvir vezes até outros fins de outras Canções chegarem. Tiago Pereira Carvalho

Desenha-se...



Frank Miller

“Sin City - A mulher fatal”

Edições Devir, 2004

6/10

A cidade como protagonista

Frank Miller é um dos mais conceituados autores de bd americana. Quase tudo o que desenha e/ou escreve é considerado uma inovação e quase automaticamente recebe o estatuto de obra-prima. Foi o caso de “Batman – Ano 1”, “Batman – O Regresso do Cavaleiro das Trevas” que, a par de “Watchmen”, de Alan Moore, redefiniu nos anos 80 a estética da bd de super-heróis, virando-a para um público adulto, “Ronin” ou a série “Sin City”.

Esta série foi renovadora sobretudo na sua arte, graças ao traço que Miller desenvolveu: o autor cria imagens usando fortes contrastes de preto e branco. As personagens raramente são definidas pelos seus contornos, mas sim pelas sombras e luzes que refletem nos seus corpos. Por vezes Miller acrescenta apenas uma cor, como em “Sin City – The babe wore red” (não editado em Portugal), em que a protagonista da história tem o seu vestido pintado de verme-

lho. Todos os livros da série têm um ambiente de filme policial “série B”, e apresentam histórias que embora possam ser lidas isoladamente possuem sempre uma ligação, uma vez que acontecem sempre na mesma cidade.

“Sin City 2 – A mulher fatal” conta a história de Dwight, um homem quase levado à loucura por Ava, uma ex-namorada que o abandonou no passado e a qual ele pretende esquecer. Contudo, ela regressa uns anos depois, pedindo a Dwight que assassine Damien Lord, o recente marido de Ava e que esta acusa de a maltratar. Embora a história esteja no mesmo registo das restantes da série, não é dos melhores argumentos pensados pelo autor. É apenas uma história que se lê, sem grandes surpresas para quem conhecer a restante obra, sobretudo o primeiro volume (também editado pela Devir) ou o quarto, “Sin City – That Yellow Bastard”, que marca o ponto alto da série. José Miguel Pereira



Radian

“Juxtaposition”

Thrill Jockey, 2004

9/10

A Tensão Microscópica

Os Radian nasceram em 1996 na cidade de Viena. Absorveram, com talento e sabedoria crítica, fragmentos da dinâmica musical urbana e exploraram, em partes iguais, improvisação, electrónica e rock. Editaram pela Rhiz um primeiro EP homónimo, em 1998, e dois anos mais tarde lançaram o álbum de estreia “TG11” – uma edição conjunta Rhiz/Mego. O salto para a americana Thrill Jockey surgiu em 2002, com o trabalho “Rec.Extern” e a produção de John McEntire, dos Tortoise.

No novo “Juxtaposition” as partes electrónicas foram registadas em Viena, gravadas através de um processo pouco usual que envolve um microfone colocado extremamente próximo do objecto sonoro e com um volume de input muito baixo. Como resultado obtém-se sons que em nada remetem para a fonte sonora original, ecos apenas de um instrumento cuja identidade se dissolveu no processo. Esses sons microscópicamente obtidos foram depois transpostos para o sintetizador de Stefan Németh, processados e estruturados de forma a poderem ser utilizados ao vivo. Já em Chicago, na companhia de John McEntire, a banda gravou as partes de bateria e baixo, misturando depois tudo de acordo com os arranjos pré-definidos.

Quando se ouve o disco, há apenas uma única entidade em acção. A música é tensa e compacta, de um cinzento-escuro industrial, ferrugento e perigoso. É rica em micropormenores, simultaneamente densa e esquelética, num saltitante ping-pong homogéneo entre acústico e electrónico – elementos complementares e, na realidade, uns, como se geminados numa qualquer fundição metalúrgica.

Relativamente ao álbum anterior, “Juxtaposition” é ainda mais rico no que respeita à diversidade de timbres utilizada, é mais dinâmico nas suas complexas e cirurgicamente precisas estruturas rítmicas e apresenta uma maior interacção entre o tocado e o programado, entre o analógico e o digital. A música permanece na mesma: autêntica, criativa, personalizada e absolutamente sem qualquer paralelo no mundo de hoje. Rodrigo Paulino

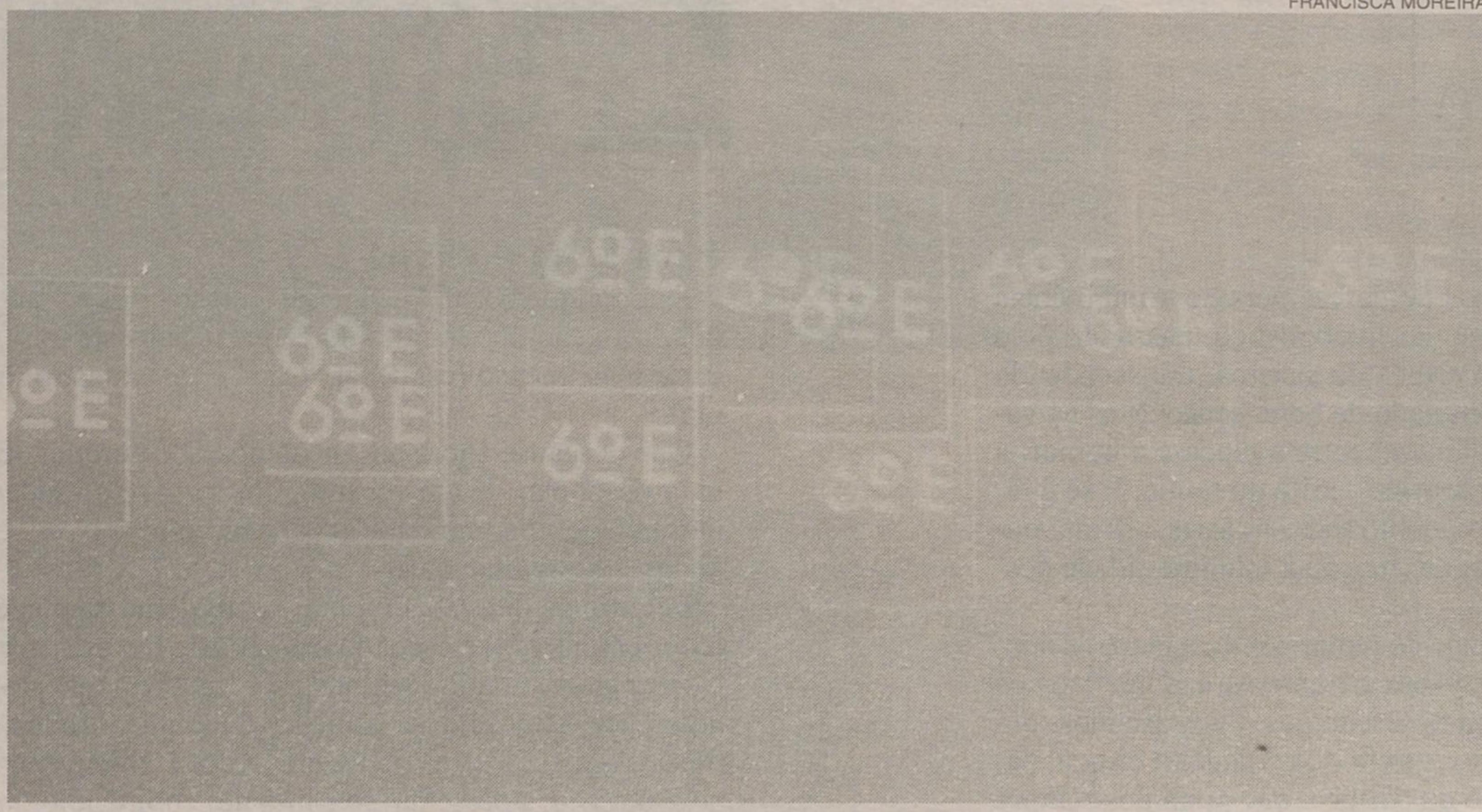
22 ESTÓRIAS

Vida Moderna - 4º Episódio

Virtude Original

Um homem alto, de fartas barbas e olhar intimidante, sobretudo ao nível dos joelhos e chapéu azul-escuro enterrado na cabeça, o qual retira com a mão esquerda enquanto cumprimenta com a mão direita, esboçando um leve sorriso, logo circunscrito por uma expressão mais séria.

Muito boas noites! Boa noite. Certamente que se questionará por que razão aqui me encontro, diante da sua porta, como que invadindo o seu espaço, a sua intimidade, acto verdadeiramente reprovável. Não exageremos, mas de facto causa-me uma certa estranheza. Ou incômodo, uma vez que estaria a descansar. Nada de insuportável; mas diga lá, enfim, o que pretende. Com sinceridade, devo dizer-lhe que não pretendo nada. Como assim? Nada, zero, não tenho nenhum objectivo, nenhuma finalidade. Aborrecer-me, talvez! Não, garanto-lhe que não; simplesmente obedeci a um impulso momentâneo e vim saber quem é o novo morador deste '6º Esquerdo', nada mais. Sou eu. Muito prazer. Boa noite. Não, espere! Então, afinal sempre tem



FRANCISCA MOREIRA

uma finalidade; se for para me vender alguma coisa, pode desistir de antemão. Não, não se preocupe que eu não faço vendas, e o que poderia vender ninguém compraria; aqui no prédio alguns inquilinos formam uma associação cívica, da qual eu faço parte, e gostaria de saber... Condomínio? Não, longe disso; tratamos de assuntos gerais, sociológicos, filosóficos, com reuniões regulares de debate e discussão. Não estou interessado, não tenho tempo. Há sempre tempo para pensar. Posso pensar, mas dificilmente aceitarei o seu convite. Não é um convite, mas um apelo. Seja o que for.

Bom, faça como quiser. Assim farei, obrigado. Boas noites! Adeus.

Virou as costas e abriu a porta do elevador, não sem antes colocar de novo o chapéu na cabeça e cerrar manifestamente o rosto, então ainda mais sombrio, como que incomodado com a impertinência do novo inquilino. Quem conhece a História sabe que a desobediência é a virtude original do homem! Dito isto, entrou no elevador e dirigiu-se para um piso inferior.

Algo indiferente, K. fechou a porta e retornou à poltrona da sa-

la. Tentou concentrar-se nas velozes imagens da televisão, mas tinha perdido o ritmo. E uma dúvida insistente apoderou-se dos seus pensamentos. Onde é que ele já tinha ouvido aquela frase intrigante sobre a virtude original? E desobediência em relação a quem, ou a quê? Ele sabia que se tratava de uma citação, certamente de um autor conhecido, mas a memória vacilava. Entretanto, as imagens de um filme de ação aprisionavam de novo o seu olhar. Pouco depois já tinha desistido de vascular nas suas recordações por um nome, o de Oscar Wilde.

Gustavo Sampaio

(Na) Primeira Pessoa

Um entre milhares

Serenamente percorro as ruas, no meio da azáfama do dia-a-dia. Sou um entre milhares que por aqui caminham, uns sem destino, outros destinados. Sou apenas um rosto no meio da multidão. Um rosto onde se esboçaram sorrisos, onde correram lágrimas, onde passaram alegrias e tristezas.

Um entre milhares caminho seguro. As pessoas parecem indiferentes à minha presença, mas eu não preciso que reparem em mim, porque sei o que valho. Posso ser o único no mundo a achá-lo, mas tenho muito para dar. Chamam-lhe arrogância, eu chamo-lhe auto-estima. Estou cansado de não ver valor no meu ser, agora é hora de o admitir.

Um entre milhares enfrento a cidade, e ela

mostra-me tudo o que sou e fui. O meu passado, o meu presente, os meus feitos, as minhas mágoas, os meus amores e desamores. Tudo me ensinou a viver, desde a mais inesperada proeza ao mais imperdoável erro.

A tarde vai caindo e continuo caminhando, indiferente às horas e a quem por mim passa. À medida que os meus passos avançam, vou-me conhecendo mais e mais. Sou quem sou, tenho pena de não ser mais e orgulho de não ser menos. Conheço minhas virtudes e defeitos, os meus sonhos e medos. Sei que nunca irei alcançar tudo o que desejo, umas vezes por não fazer o suficiente, outras por fazer demais, outras porque simplesmente a vida é injusta. Mas



BRUNO GONÇALVES

não desisto, porque a minha existência só tem significado se lutar pelo que quero. Gozo tudo o que tenho e que alcancei, mas quero mais, muito mais. Enquanto isso, vou caminhando incógnito, um entre milhares.

João Campos

Os restantes cronistas de "(Na) Primeira Pessoa" escrevem, esta semana, em acabra.net.

Crónicas do Paraíso

Paulo Nuno Vicente

O cardeal que não ri

O Norte é um ponto. Um cardeal que não ri. Chamem-me sulista ou transplantado, apinho e esfolo aligatores. Vendo ao Norte, ganho do Sul. Não sou um ponto só ou cardeal. Antes um Norte invertido. Um nó na alma fria.

A. Sakur

Era miúdo, gingava de pés descalços por entre as pausas do almoço, do frango roubado às penas, da água infernal que me pingava os olhos. Depois o cheiro a louro, os refogados, o caril, aquele cheiro fumegante a domingo de todos os dias. Adormecia no cheiro a relva, ao som da balalaika do meu bisavô. E desconfio que sonhava de boca aberta, e ria muito, num desnorte de sonâmbulos.

Não há fotografias, mas acordei muitas vezes com libelinhos e vespas, que tentavam descobrir o que haveria para além do meu céu-da-boca.

A memória ainda me convence, mas já mente. Não há quem a compre ou devolva. Há momentos em que me passa despercebido quem reinventa quem. As recordações são cada vez mais apátridas. Cada vez mais sem idade.

Não sei como – talvez fossem os anos que lhe escorregassem pelo píncaro dos dedos – o pai do meu avô nunca ouvi faltar a afinação, e tocava muito. Balalaika, viola, guitarra, alaúde... Dançava, pendurado nas cordas de instrumentos a que nunca hei-de saber o nome, apenas a melodia. Como daquela vez em que improvisou *A Portuguesa* numa qualquero-coisa-feita-de-cordas-de-nylon-e-lata-de-garrafa-de-azeite. Os galos da capoeira – no quintal – não teriam feito melhor.

Não vim a tempo de conhecer o meu avô. Fugiu-me para as fotografias cedo demais, que hoje lhe reservo uma imagem muito jovem e amarelecida, da cor do papel que ainda resiste espalhado por álbuns e caixas para sempre cuidadosamente forradas a fósforos queimados.

Estranho pensar o tempo que dedicava a essas minúcias. Eram à partida um triunfo da memória, em forma de pau queimado é certo. Mas não concebo ninguém incendiar uma caixa de fósforos de uma só vez. Seria como viciar as regras do jogo, que só tinha piada deixando arder os fósforos e ir colando a memória à caixa.

Uma vez desciudei-me... fiz arder uma inteira, de uma só vez... para impressionar o amor da minha vida, de que – sim – era capaz de ter uma caixa pronta muito antes dos outros miúdos. Ela acreditou, e ainda hoje acredita. O amor tem destas meninices.

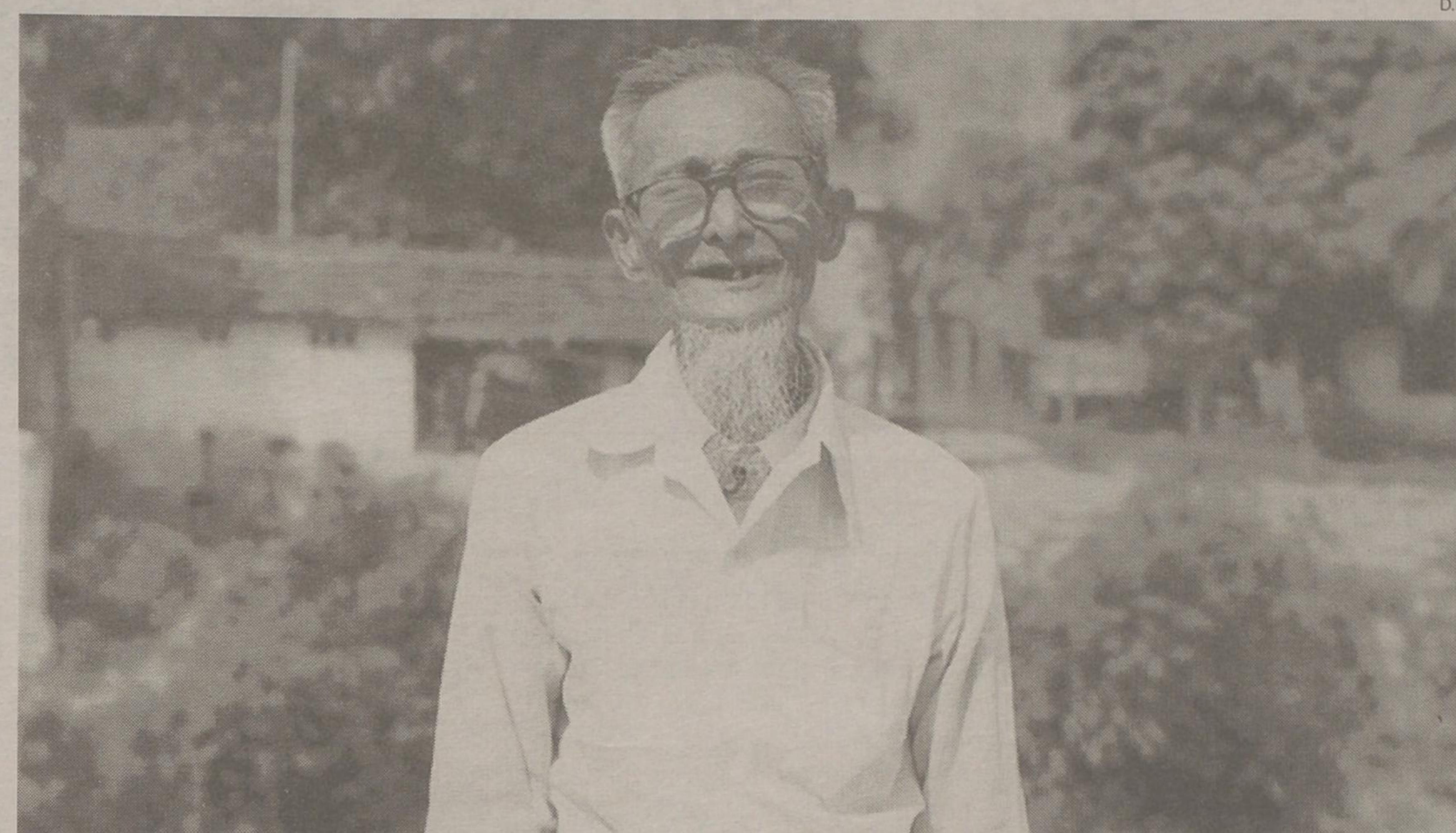
cronicas_do_paraíso@hotmail.com

Viver melhor por mais tempo

Uma equipa de investigadores do Medical College da Geórgia tem trabalhado no sentido de prolongar a vida

A chave para esta visão ideal da realidade parece residir num mísculo verme, o *C.elegans*. Este ser contém um gene de longevidade chamado INDY (abbreviatura de "I'm not dead yet"). O gene INDY começou a ser estudado há poucos anos, mas uma pesquisa da Universidade de Connecticut permitiu descobrir que mutações espontâneas do gene na mosca da fruta dobravam a idade do inseto.

Os cientistas desconfiavam que este se tratava de um transportador e decidiram então encontrar um animal modelo de vida curta para evitar esperar demasiado tempo a obter os resultados da experiência. Aqui entra o *C.elegans*, que passa de embrião ao estado de adulto em apenas três dias e tem uma longevidade máxima de um mês. Depois,



Poderá vir a ser possível viver até uma idade muito mais avançada do que a esperança de vida actual

foi imitada a mutação genética espontânea encontrada antes na mosca da fruta. O resultado cifrou-se num aumento do tempo de vida do *C.elegans* entre os 15 os 20 por cento.

No caso da longevidade humana o fenómeno é determinado por múltiplos genes e o INDY é apenas um dos que intervêm no processo. Em nós este gene transporta precursores das gorduras e do colesterol. Se

for encontrado um fármaco que bloquie a sua função, o dia em que todos vamos poder perder peso, reduzir o colesterol e viver mais tempo, não está tão longe quanto se podia pensar.

Selos personalizados

A iniciativa parte de uma empresa que se propõe, assim, a imortalizar os seus clientes

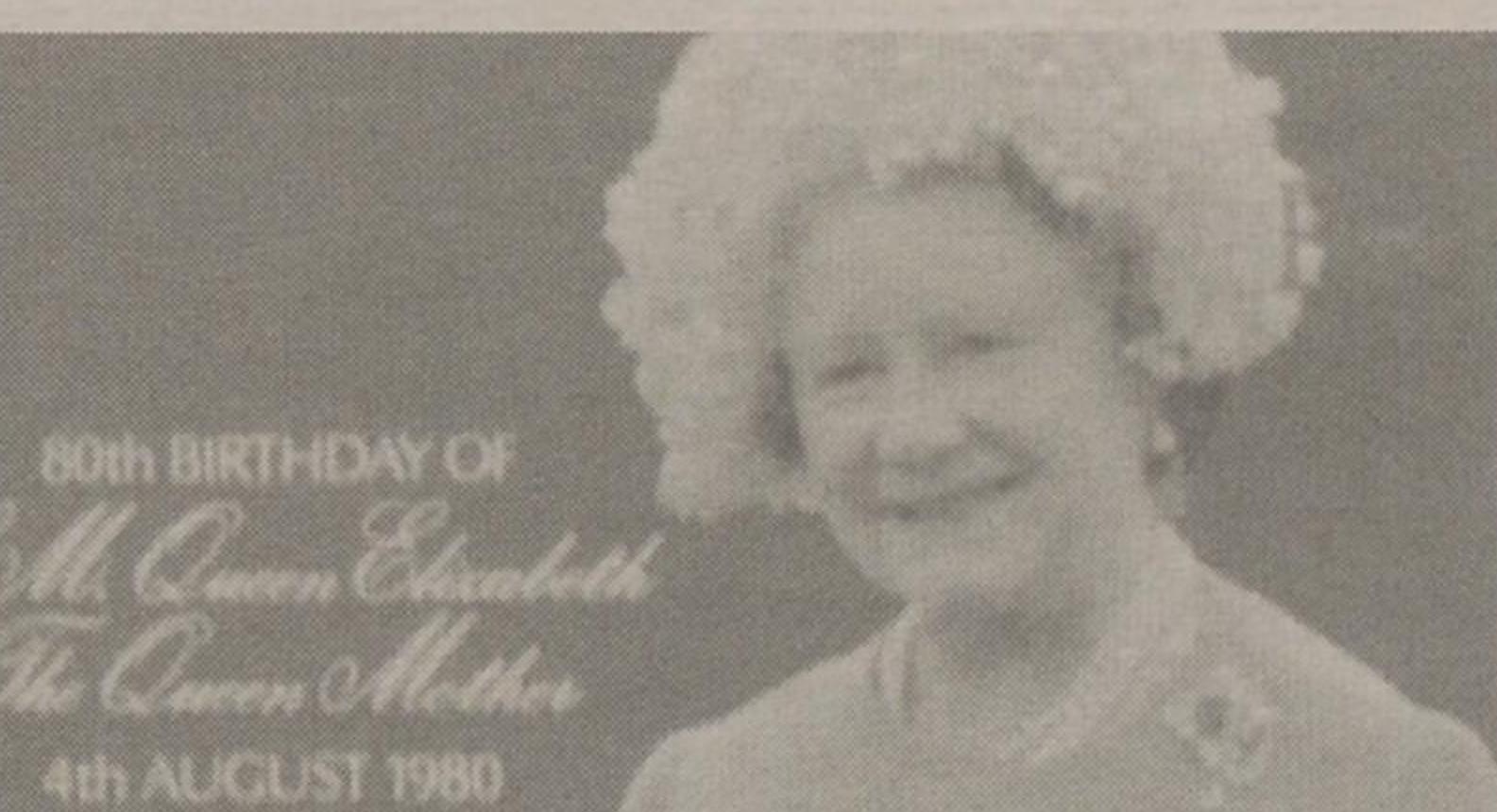
A quebra nas vendas dos serviços postais americanos, já que as cartas e os postais têm vindo a ser progressivamente substituídos pelos e-mails, levou a que fosse autorizada a comercialização de selos personalizados.

A Stamps.com, uma empresa na Internet que transforma fotos digitais em selos, obteve aprovação dos correios dos Estados Unidos para um teste de selos personalizados. Familiares, amigos,

paisagens ou animais de estimação são alguns dos exemplos de imagens que podem agora circular em pequenos rectângulos no canto de um envelope.

Os consumidores que desejem criar selos personalizados devem visitar o site. Um processo de três estágios é usado para a transmissão de uma foto digital ao site, edição de imagem com ferramentas disponíveis online e seleção de um padrão de cores. Depois, o pedido é fechado e a entrega dos selos demora de quatro a sete dias úteis.

Contudo, fotografias que contenham nudez, palavrões, celebridades ou políticos não serão aceites. "Não queremos envolver nos em contrové-



sias", explicou o responsável.

Os selos personalizados, ao dispor de qualquer um, surgem 164 anos depois da rainha Vitória da Inglaterra ter tido a sua imagem no Penny Black o primeiro selo moderno, que data de 1840.

Che e 007 em publicidade espanhola

Che Guevara, Van Gogh e James Bond foram os três heróis utilizados pela campanha da Contrapunto Madrid para o cartão de saúde da Sanitas, que assegura a proteção da família. Estes três ícones do século XX tiveram vidas diferentes com alguns pontos em comum: todos eles trocaram a estabilidade da vida familiar pela luta de algo em

que acreditavam. A sua ânsia de liberdade levou a que prescindissem do conforto do lar e a que morressem cedo.

Os cartazes publicitários mostram, no entanto, os três heróis acompanhados pelas famílias, inventadas e construídas à sua imagem e semelhança. Van Gogh aparece, num quadro que poderia ter

sido pintado por si, com uma mulher e uma criança com ar rural e atormentado. Che Guevara, o guerrilheiro com a tradicional barba e boina, surge também acompanhado de uma mulher e uma criança. O imortal James Bond, que sempre se fez acompanhar de efémeras e belas companheiras, é retratado aqui como homem de família, num cenário

que parece retirado de um genérico do 007. O texto que acompanha os anúncios declara que "finalmente alguém pensa na família". A Sanitas, a primeira a apresentar um cartão de saúde para a família, impõe-se assim como substituta dos chefes de família, neste caso homens para quem a família foi o mundo, a luta pelo bem ou a arte.

Orgasmo garantido

O *Slightest Touch* é um invento inovador que ajuda a chegar ao orgasmo. Possui duas almofadinhas eléctricas que estimulam dois pontos da acupunctura relacionados com os nervos da região pélvica. Ao contrário do orgasmatron de Woddy Allen, que se propõe a provocar orgasmos instantaneamente, este engenho do tamanho de um walkman faz com que a mulher, no espaço de vinte minutos, atinja um enorme estado de excitação. Depois disto, um pequeno toque pode desencadear o orgasmo.

Reino Unido autoriza uso terapêutico de embriões

As autoridades britânicas vão permitir a seleção genética de embriões para fins médicos. A decisão, que visa ajudar pais com filhos gravemente doentes, permite aos médicos fazer testes com embriões até encontrarem um que seja compatível com os tecidos da criança enferma, para então procederem a um transplante. Esta decisão é controversa, pois viola o princípio básico ético segundo o qual não se devem "utilizar pessoas como ferramentas"

Consumo de vinho baixou nos últimos dez anos

Um estudo publicado pelo Instituto Nacional de Estatística no âmbito do Dia Mundial da Alimentação revela que, desde 1993, os portugueses diminuíram o consumo de vinho. Esta realidade pode parecer estranha, já que o vinho sempre foi tido como uma presença habitual e fortemente enraizada nas mesas portuguesas. As vinhas espalhadas por todo o território e uma forte cultura vinícola ajudaram a construir a fama. Mas, a verdade é que, segundo a estatística, que vem contrariar anteriores estudos sociológicos, os portugueses cada vez bebem menos vinho: uma baixa de consumo na escala dos vinte por cento.

Redacção: Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 Coimbra
Tel: 239 82 15 54 Fax: 239 82 15 54

e-mail: cabra@aac.uc.pt

Concepção/Produção:
Secção de Jornalismo da
Associação Académica de Coimbra

Mais informação disponível em:

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

PUBLICIDADE
21130 49202



Outros rumos...

Por Claudio Vaz (texto e fotografia)

outrosrumos.acabra.net

Porto

Hare Krishna com sotaque do norte

Uns dizem que é seu povo irreverente, de expressões próprias e de gosto pela novidade, outros, que é o fruto de uma história que sempre colocou a cidade invicta perante as outras. Seja qual for a opinião, a sensação jovial das pessoas em contraste com a antiga arquitectura, o Porto vai ser sempre inspiração para quem sobre ele escreva. Palavrões que ecoam pelas ruas estreitas,

comerciantes ora rabugentos, ora de grande simpatia, crianças a correr atrás da bola na praça dos Clérigos. A espontaneidade há-de sempre mostrar o que há de mais belo na cultura de um povo.

Lojas de artigos de circo, ruas inteiras de produtos latino americanos, discotecas dentro de caves antigas e bares para os mais variados gostos à beira do Douro. O Porto é jovem, moderno e multicultural. Uma cidade onde o velho e o novo se misturam, do exótico ao milenar, bem mais rápido do que ir do Brasil à Índia de avião. Numa tranquila caminhada pela zona da Corderaria é possível encontrar de tudo um pouco, para isto basta um olhar atento às portas por onde se passa.

Fora dos padrões turísticos convencionais, uma casa traz um pouco

do conhecimento transcendental através do yoga e da boa alimentação para a capital nortenha, a casa do Oriente no Porto. No seu interior, mesas, bandejas, aromas de incensos no ar e música; no placard, cartazes sobre alimentação vegetariana, produtos naturais e imagens de ídolos da fé Hindu. Uma sede Hare Krishna no coração da Corderaria, onde é possível conhecer de perto a fé Hindu através da leitura dos textos sagrados dos Vedas nas secções gratuitas de Yoga e, através das diárias refeições vegetarianas. Uma outra actividade do espaço é o "Comida para a Vida", a versão portuguesa da iniciativa internacional "Food For Life", destinada à distribuição de refeições uma vez por semana para as pessoas que vivem nas ruas, a alguns metros de São Bento.



Reitoria favorável a Bolonha

**Compreender o novo
paradigma formativo
que a Declaração de
Bolonha impõe, bem
como a sua aplicação em
Portugal, foi o objectivo
do seminário "Reflexos
da Declaração de
Bolonha", que juntou
cerca de 60 profissionais
liberais para
compreender o processo
de Bolonha**

Liliana Guimarães

O primeiro dia do seminário ficou marcado pelo discurso crítico do Bastonário da Ordem dos Advogados

dos (OA) e do coordenador do processo de Bolonha para a área de Medicina Veterinária, Jorge Silva. José Manuel Júdice aludiu a "problemas que o ensino tem a montante de Bolonha", sendo necessário, para a aplicação da declaração, "criar um novo papel para as universidades". O antigo aluno da Universidade de Coimbra problematizou questões como a empregabilidade, a politecnicização do Ensino Superior e a qualidade de ensino. O bastonário afirmou ainda que "a Ordem dos Advogados quer participar no processo de decisão e não só no de opinião".

Por seu lado, Jorge Silva, defendeu que "pela via da formação se alcança a modernização do sector profissional". O ex-secretário de estado do Ensino Superior defende o "binómio formação/educação para combater a clivagem entre universidades e empresas".

Já no segundo dia, o coordenador Nacional do Processo de Bolonha, Sebastião Feye, e o reitor Seabra Santos (que não constava do programa) encerraram os trabalhos.

Sebastião Feye afirmou que algumas áreas começarão a funcionar sobre as directrizes de Bolonha já em 2005/2006. Sebastião Feye mostrou-se bastante optimista com a aplicação de Bolonha, encarando-a como a "estruturação de um sistema de formações não formais no pós-secundário e de especialização depois do primeiro e do segundo ciclos". O também vice-presidente da Ordem dos Engenheiros garantiu que "serão exceções todas as áreas de conhecimento que as directrizes comunitárias justifiquem". O coordenador nacional do Processo de Bolonha afirma que a reformulação do ensino superior trará consigo o "intercâmbio cultural, a promoção da coesão europeia, uma mais ampla

escolha de formações e a evolução dos paradigmas de ensino/aprendizagem".

A posição da reitoria

Como se vai aplicar Bolonha em Portugal? Foi uma das questões debatidas por Seabra Santos no encerramento do seminário. O reitor declarou-se um "fervoroso adepto do Processo de Bolonha", apesar da "incerteza nos princípios metodológicos". Mostrou-se ainda preocupado com a aplicação prática da declaração: "Ou fazemos bem ou desaparecemos no mercado internacional". Acerca dos critérios de convergência e comparabilidade, o reitor da UC alertou para o facto da "cobertura única do Espaço Europeu de Ensino Superior (EEES) poder ser totalitária".

No que respeita a Coimbra, Seabra Santos afirmou existirem "dois campos separados que ministram os

mesmos cursos, com os mesmos nomes e não há mobilidade, comparabilidade, nem legibilidade".

Também a vice-reitora da UC, Cristina Cordeiro, e o Bastonário da Ordem dos Farmacêuticos, Aranda da Silva, estiveram presentes no seminário. A vice-reitora mostrou-se "entusiasmada com Bolonha porque é desafiante em termos de revolução pedagógica". Cristina Cordeiro faz parte de um grupo, nomeado pelo Governo, de coordenadores de implementação do Processo de Bolonha, que definiu como "um vasto processo de sintonização". Nas palavras da vice-reitora da UC, "a internacionalização do Ensino Superior torna-nos solidários e não dependentes do mundo exterior".

O seminário "Reflexos sobre a Declaração de Bolonha" foi organizado pelo Fórum Regional do Centro das Profissões Liberais que congrega onze ordens profissionais.



RDMF RÁDIO DOS MIÚDOS FANTÁSTICOS

Todos os Domingos entre as 13h e as 14h,
o universo da rádio numa hora de imaginação sem limites,
na Rádio Universidade de Coimbra.

Não recomendável a adultos sem supervisão adequada

